



No Angelus o apelo do Pontífice em vista dos colóquios de Singapura

Um futuro de paz para a Coreia e o mundo



Pablo Picasso, «A guerra e a paz»

«Um percurso que garanta um futuro de paz para a península coreana e para o mundo inteiro»: eis o que o Papa Francisco espera da cimeira de 12 de junho, em Singapura, entre o presidente dos Estados Unidos da América e o líder da Coreia do Norte, por cujo êxito positivo rezou no Angelus de domingo 10. Na antevigília do esperado encontro o Pontífice quis «fazer chegar novamente ao amado povo coreano um particular pensamento na amizade», convidando os fiéis presentes na praça de São Pedro a implorar «Nossa Senhora, rainha da Coreia», a fim de que «acompanhe estes colóquios».

Antes da oração mariana o Papa comentou o evangelho dominical de Marcos (3, 20-35), centrado em «dois tipos de incompreensão que Jesus teve de enfrentar: dos escribas e dos seus próprios familiares». A primeira,

é obra de «homens instruídos nas Sagradas Escrituras» que «são enviados de Jerusalém para a Galileia, onde a fama de Jesus começava a difundir-se, a fim de o desacreditar aos olhos das pessoas». Trata-se, explicou, de um episódio que «contém uma advertência» atual, válida para «todos nós. De facto, pode acontecer que uma grande inveja pela bondade e pelas boas obras de uma pessoa possa impelir a acusá-la falsamente». No que diz respeito à segunda incompreensão, a dos familiares de Jesus, o Papa recordou que eles estavam «preocupados» pela sua «nova vida itinerante». Mas, concluiu Francisco, Cristo «tinha formado uma nova família, baseada não já em vínculos naturais mas na fé n'Ele, no seu amor».

PÁGINA 5

Olhar histórico sobre os abusos sexuais

Fim do silêncio

LUCETTA SCARAFFIA

A questão dos abusos sexuais contra pessoas mais frágeis – crianças e mulheres – está a emergir com força nas sociedades ocidentais, exercendo uma transformação radical na sociedade e na moral coletiva. Mas há um aspeto do problema que em muitos gera admiração e perplexidade: por que as testemunhas esperaram tanto para fazer a denúncia? Por que tantos anos de silêncio?

Até os abusos têm uma história, que explica muitas coisas. A revolução sexual e a feminista, revoluções que mudaram as sociedades ocidentais nas últimas décadas do século XX, não só alcançaram alguns dos objetivos que se tinham proposto, mas puseram em movimento transformações complementares e imprevistas, como precisamente o emergir da questão dos abusos contra menores.

Pensando bem, parece paradoxal que uma revolução que visava tornar lícitas e praticáveis todas as formas de relação sexual – em casos documentados, as relações sexuais deviam envolver também crianças – tenha levado, ao contrário, a um novo rigor exatamente nesta matéria. Mais uma prova da heterogéneidade das finalidades! O que permitiu às vítimas falar, dizer aquilo que até àquele momento era geralmente considerado indizível, foi o fim de qualquer tabu relativo

ao sexo. Portanto, até daqueles relativos à palavra que menciona o sexo para o denunciar.

Inicialmente as vítimas temiam, e com razão, que as denúncias – as quais obviamente comportavam a transgressão deste tabu – levariam a estigmatizar também a elas, que tinham sofrido os abusos, e não só os agressores. Portanto, tinham bons motivos para ficar caladas, para se defender daquela que podia tornar-se outra possível forma de violência.

No mesmo período, a revolução das mulheres agendou o desnível de poder no âmbito da relação sexual, um tema até àquele momento descuidado, face a interpretações que analisavam sobretudo os aspetos lícitos ou ilícitos e as possíveis consequências. As mulheres, que sempre gozaram de um poder inferior ao dos homens, denunciaram ao contrário o uso do poder na relação sexual, do qual quase sempre eram vítimas.

Estas duas consequências das re-

CONTINUA NA PÁGINA 14

*Com seminaristas e sacerdotes***Pais e irmãos não funcionários**

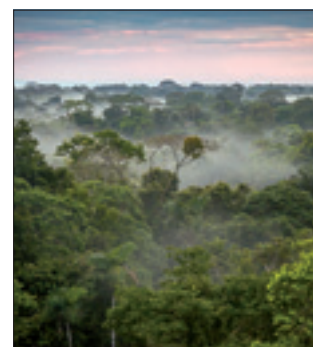
PÁGINAS 10 A 13

Apresentado o documento preparatório

Rumo ao sínodo sobre a Amazónia

Foi apresentado na manhã de sexta-feira 8 de junho, o documento preparatório da assembleia especial do Sínodo dos bispos para a região pan-amazónica, que terá lugar em Roma em outubro de 2019 sobre o tema: «Amazônia, novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral». Ilustraram-no aos jornalistas na Sala de Imprensa da Santa Sé o cardeal Lorenzo Baldisseri e o bispo Fabio Fabene, respetivamente secretário-geral e subsecretário do Sínodo dos bispos.

PÁGINAS 8 E 9



Estratégia global para evitar mudanças climáticas desastrosas

Conciliar eficiência energética e proteção ambiental

«A questão energética tornou-se um dos principais desafios para a comunidade internacional». E «depende do modo como ela for gerida os conflitos presentes em várias regiões do planeta encontrarão em diversas áreas do planeta novo combustível para se alimentar, queimando estabilidade social e vidas humanas». O Papa Francisco usou imagens fortes para falar sobre os temas da transição energética e do cuidado da casa comum com os dirigentes das principais empresas do setor petrolífero e do gás natural, com os quais se encontrou no Vaticano na manhã de sábado, 9 de junho. Recebendo-os na conclusão de um simpósio, o Pontífice fez referência à «sede» de energia que o mundo tem, embora «infelizmente, ainda seja demasiado o número de quantos não têm acesso à eletricidade».

PÁGINA 2

Depende «do modo como for gerida» a questão energética, «se os conflitos presentes em várias regiões do planeta encontrarão uma solução mais fácil», ou se «descobrirão um novo combustível para se alimentar, queimando estabilidade social e vidas humanas», ressaltou o Papa Francisco recebendo na manhã de 9 de junho, na sala Clementina, os participantes no simpósio para os dirigentes das principais empresas do setor petrolífero, do gás natural e de outras atividades empresariais vinculadas, o qual teve lugar no Vaticano sobre o tema «Transição energética e cuidado da casa comum».

Senhor Cardeal
Senhores Administradores
Investidores e Peritos
Senhores e Senhoras!

Dou-vos as minhas cordiais boas-vindas no final do Simpósio dedicado aos temas da transição energética e do cuidado da casa comum, que teve lugar aqui no Vaticano.

É muito positivo que quantos desempenham um papel importante na orientação das opções, iniciativas e investimentos no setor energético tenham a oportunidade de um profícuo intercâmbio de opiniões e de conhecimentos. Agradeço-vos a vossa presença qualificada e espero que, na escuta recíproca, tenhais podido fazer uma averiguação aprofundada e considerar novas perspectivas.

Os progressos técnico-científicos tornam todos os tipos de comunicação cada vez mais rápidos. Qualquer notícia verdadeira ou falsa, qualquer



Laurie DeVault
«Mudança climática 2»

quilíbrios ambientais e da escassez de energia, descobrirem um novo combustível para se alimentar, queimando estabilidade social e vidas humanas.

Portanto, é preciso indicar uma estratégia global a longo prazo, que ofereça segurança energética e deste modo favoreça a estabilidade econômica, proteja a saúde e o meio ambiente, e promova o desenvolvimento humano integral, assumindo compromissos específicos para enfrentar a problemática das mudanças climáticas.

Na Encíclica *Laudato si'* fiz apelo a todas as pessoas de boa vontade (cf. nn. 3; 62-64) em prol do cuidado da casa comum, e precisamente de uma «transição energética» (n. 165), para evitar desastrosas mudanças climáticas que poderiam comprometer o bem-estar e o futuro da família humana e da sua casa comum. Neste contexto é importante que, com seriedade de compromisso, se proceda rumo a uma transição que faça crescer constantemente o uso de energias de alta eficiência e baixa taxa de poluição.

Trata-se de um desafio epocal, mas também de uma grande oportunidade, na qual devemos ter particularmente a peito os esforços a favor de um melhor acesso à energia dos países mais vulneráveis, sobretudo nas áreas rurais, e de uma diversificação das fontes de energia, acelerando também o desenvolvimento sustentável de energias renováveis.

Estamos conscientes de que os desafios a enfrentar estão interligados. Com efeito, se quisermos eliminar a pobreza e a fome, como exigido pelos objetivos de desenvolvimento sustentável das Nações Unidas, mais de um bilhão de pessoas que hoje não dispõem de eletricidade devem poder tê-la de maneira acessível. Mas, ao mesmo tempo, é bom que tal energia seja limpa, limitando o uso sistemático de combustíveis fósseis. A perspectiva desejável de uma energia para todos não pode levar a uma não almeável espiral de mudanças climáticas cada vez mais graves, mediante um temível aumento das temperaturas no globo, condições ambientais mais duras e o incremento dos níveis de pobreza.

Como sabem, em dezembro de 2015, 196 nações negociaram e adotaram o Acordo de Paris, com a firme intenção de limitar o aumento do aquecimento global abaixo de 2°C em relação aos patamares pré-industriais e, se possível, abaixo de 1,5°C. Dois anos e meio mais tarde, as emissões de CO₂ e as concentrações atmosféricas devidas aos gases de efeito estufa são sempre muito elevadas. Isto é bastante inquietante e preocupante.

Desafio epocal

Conciliar eficiência energética e proteção ambiental

ideia boa ou má, qualquer método eficaz ou desviante, uma vez lançados, propagam-se em poucos segundos. Também as pessoas podem encontrar-se e as mercadorias podem ser trocadas com um ritmo, uma velocidade e uma intensidade antes inimagináveis, superando rapidamente oceanos e continentes. As nossas sociedades estão cada vez mais interligadas.

Este intenso movimento de massas de informações, de pessoas e de coisas tem necessidade de muita energia, uma necessidade superior a qualquer época passada. Grande parte dos âmbitos da nossa vida são condicionados pela energia e infelizmente devemos constatar que ainda são demasiados aqueles que não têm

acesso à eletricidade: fala-se até de mais de um bilhão de pessoas.

Disto nasce o desafio de conseguir garantir a enorme quantidade de energia necessária para todos, com tais modalidades de exploração dos recursos que evitem produzir desequilíbrios ambientais que causam um processo de degradação e poluição, o qual feriria gravemente toda a humanidade de hoje e de amanhã.

A qualidade do ar, o nível dos mares, a consistência das reservas de água doce, o clima e o equilíbrio de ecossistemas delicados não podem deixar de ser afetados pelas modalidades com que os seres humanos saciam a sua «sede» de energia, infelizmente com graves desigualdades.

Para saciar esta «sede» não é lícito aumentar a verdadeira sede de água, nem a pobreza e nem sequer a exclusão social. A necessidade de ter à disposição quantidades crescentes de energia para o funcionamento das máquinas não pode ser satisfeita ao preço de envenenar o ar que respiramos. A necessidade de ocupar espaços para as atividades humanas não pode ser satisfeita de modo a colocar em sério perigo a existência da nossa e das demais espécies de seres vivos na Terra.

É um «falso pressuposto de que «existe uma quantidade ilimitada de energia e de recursos a serem utilizados, que a sua regeneração é possível imediatamente e que os efeitos negativos das manipulações da ordem natural podem ser facilmente absorvidos»» (Carta Enc. *Laudato si'*, 106).

Por isso, a questão energética tornou-se um dos principais desafios, teóricos e práticos, para a comunidade internacional. Do modo como for gerida dependerá a qualidade da vida e se os conflitos presentes em várias regiões do planeta encontrarem uma solução mais fácil, ou então se eles, por causa dos profundos dese-

Intenção de oração para junho dedicada às redes sociais

Lugares de humanidade

«A internet é um dom de Deus, e é também uma grande responsabilidade»: foi dedicada ao mundo digital a intenção do Papa Francisco contida na mensagem vídeo para o mês de junho, confiada à Rede mundial de oração (www.thepopevideo.org).

Com eficiência, as palavras do Pontífice aparecem com a gráfica típica das notificações dos telemóveis, e no ecrã passam imagens que ilustram as «possibilidades de encontro e solidariedade que as redes sociais nos oferecem»: familiares distantes que podem conversar através de uma videochamada, um avô com o netinho que juntos usam um tablet, um jovem deficiente que graças ao computador supera as suas dificuldades motoras, um pai com o filho que, de uma aldeia africana, se conectam à rede, adolescentes que conversam, partilham fotos, um professor que explica a lição com a ajuda de um computador. É a sequência que ilustra o modo como a comunicação, os seus lugares e os seus instrumentos, provocaram «uma amplificação de horizontes para muitas pessoas».

Um contexto positivo, contanto que o digital seja «um lugar concreto, rico de humanidade». De facto, advertiu Francisco, o risco é de que ao contrário a web se torne «um lugar de alienação». Eis então o convite a rezar «para que as redes sociais não anulem a própria personalidade, mas favoreçam a solidariedade e o respeito do outro na sua diferença».

Traduzido em nove línguas, o vídeo foi preparado pela Rede mundial de oração do Papa com a agência La Machi, que se ocupa da produção e da distribuição, em colaboração com Vatican Media que o gravou.

L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL EM PORTUGUÊS
Unicuique suum Non praevalebunt

Cidade do Vaticano
ed.portugues@ossrom.va
www.osservatoreromano.va

GIOVANNI MARIA VIAN
diretor

Giuseppe Fiorentino
vice-diretor

Redação
via del Pellegrino, 00120 Cidade do Vaticano
telefone +390669899420
fax +390669883975

TIPOGRAFIA VATICANA EDITRICE
L'OSSERVATORE ROMANO

Serviço fotográfico
telefone +390669884797
fax +390669884998
photo@ossrom.va

Assinaturas: Itália - Vaticano: € 58,00; Europa: € 100,00 - U.S. \$ 148,00; América Latina, África, Ásia: € 110,00 - U.S. \$ 160,00; América do Norte, Oceânia: 162,00 - U.S. \$ 240,00.

Administração: telefone +390669899480; fax +390669885164; e-mail: assinaturas@ossrom.va

Para o Brasil: Impressão, Distribuição e Administração: Editora santuario, televidens: 0800-160004, fax: 0052123042036, e-mail: ossrom@editoriasantuario.com.br

Publicidade Il Sole 24 Ore S.p.A., System Comunicazione Pubblicitaria, Via Monte Rosa, 91, 20149 Milano, segreteria@ilsole24ore.com



Suscitam apreensão também as contínuas explorações em busca de novas reservas de combustível fóssil, enquanto o Acordo de Paris aconselha claramente a manter no subsolo a maior parte do carburante fóssil. Eis por que razão é necessário debater juntos – industriais, investidores, pesquisadores e usuários – sobre a transição e a procura de alternativas. A civilização requer energia, mas o uso da energia não deve destruir a civilização!

A descoberta de uma adequada mistura energética é fundamental para combater a poluição, erradicar a pobreza e promover a equidade social. Muitas vezes, estes aspetos fortalecem-se reciprocamente, uma vez que a cooperação no campo energético está destinada a incidir sobre a diminuição da pobreza, sobre a promoção da inclusão social e sobre a salvaguarda ambiental. Trata-se de objetivos para cuja consecução é necessário assumir a perspectiva dos direitos dos povos e das culturas (cf. *Laudato si'*, 144).

Os instrumentos fiscais e económicos, a transferência de capacidades tecnológicas e em geral a cooperação regional e internacional, assim como o acesso à informação, deveriam ser congruentes com tais objetivos, que não podem ser considerados fruto de uma ideologia em particular, mas objetivos de civilização, que promovem até o crescimento económico e a ordem social.

Uma exploração ambiental que, ao contrário, não considerasse as questões a longo prazo somente poderia procurar favorecer um crescimento económico a curto prazo, mas com um seguro impacto negativo num arco temporal mais amplo, incidindo tanto sobre a equidade intergeracional, como sobre o processo de desenvolvimento.

É sempre necessária uma atenta avaliação do impacto ambiental das decisões de natureza económica, para considerar bem os custos humanos e ambientais a longo prazo, comprometendo o mais possível as instituições e as comunidades locais nos processos decisórios.

Através dos vossos esforços foram alcançados progressos. As companhias petrolíferas e de gás continuam a desenvolver abordagens mais aprofundadas para avaliar o risco climático e, por conseguinte, mo-

dificar os seus planos empresariais. Isto é digno de louvor. Os investidores globais estão a rever as suas estratégias de investimento, para ter em conta as considerações de natureza ambiental. Começam a sobressair novas abordagens das “finanças verdes”.

Sem dúvida, foram feitos progressos. Mas são suficientes? Mudamos a tempo? Ninguém pode responder com certeza a esta pergunta, mas a cada mês que passa o desafio da transição energética torna-se sempre mais urgente.

Tanto as decisões políticas como a responsabilidade social das empresas e os critérios de investimento devem ter presente a busca do bem comum a longo prazo, para que haja solidariedade concreta entre as gerações, evitando oportunismos e cinismos destinados a obter resultados parciais a curto prazo, mas que no futuro descarregariam custos muito elevados e prejuízos igualmente relevantes.

Além disso, existem também algumas profundas motivações éticas para caminharmos rumo a uma transição energética global com um sentido de urgência. Como sabemos, somos atingidos pelas crises climáticas. No entanto, os efeitos das mudanças climáticas não são distribuídos de modo uniforme. São os pobres que sofrem em maior medida por causa das devastações do aquecimento global, com as crescentes perturbações no campo agrícola, a insegurança da disponibilidade de água e a exposição a graves eventos meteorológicos. Muitos daqueles que mal podem permitir-se, já são obrigados a abandonar as próprias habitações e a migrar para outros lugares, sem saber como serão recebidos. E muitos mais deverão fazê-lo no futuro. A transição para a energia acessível e limpa é uma responsabilidade que temos por milhões de nossos irmãos e ir-

mãos no mundo, pelos países pobres e pelas gerações vindouras.

Não se conseguirá proceder com decisão por este caminho, sem uma maior consciência de que todos nós fazemos parte de uma única família humana, ligada por vínculos de fraternidade e solidariedade. Somente pensando, agindo e prestando atenção constante a esta unidade fundamental que ultrapassa todas as diferenças, só cultivando um sentimento de solidariedade universal e intergeracional poderemos realmente proceder com determinação pelo caminho indicado.

Um mundo interdependente obriga a pensar e a levar adiante um projeto comum a longo prazo que invista hoje para construir o amanhã. O ar e a água não seguem leis diversas, segundo os países que atravessam; as substâncias poluentes não adotam comportamentos diferentes, em conformidade com as latitudes, mas têm regras unívocas. Os problemas ambientais e energéticos já têm um impacto e uma dimensão global. Por isso, exigem respostas planetárias, procuradas com paciência e diálogo, e perseguidas com racionalidade e constância.

Uma fé absoluta nos mercados e na tecnologia levou muitos a crer que as mudanças nos sistemas económicos ou tecnológicos serão suficientes para remediar os atuais desequilíbrios ecológicos e sociais. Contudo, devemos reconhecer que a procura de um contínuo crescimento económico comportou graves consequências ecológicas e sociais, visto que o nosso atual sistema económico prospera cada vez mais graças ao aumento das extracções, do consumo e do desperdício.

«O problema é que ainda não dispomos da cultura necessária para enfrentar esta crise, e é preciso construir lideranças que tracem caminhos, procurando dar resposta às ne-

cessidades das gerações atuais, incluindo todos, sem prejudicar as gerações futuras» (*Laudato si'*, 53).

A reflexão sobre estes temas culturais mais profundos e basilares levamos a considerar de novo a finalidade fundamental da vida. «Não haverá uma nova relação com a natureza, sem um ser humano novo» (*ibid.*, n. 118). Esta renovação exige uma nova forma de liderança, e estes líderes devem ter uma compreensão profunda e perspicaz do facto de que a Terra constitui um único sistema e que a humanidade, igualmente, é um só conjunto. O Papa Bento XVI afirmou que «o livro da natureza é um só e indivisível, tanto sobre a vertente do meio ambiente como sobre a vertente da vida, da sexualidade, do matrimónio, da família, das relações sociais, numa palavra, do desenvolvimento humano integral. Os deveres que temos para com o meio ambiente estão ligados com os deveres que temos para com a pessoa considerada em si mesma e em relação com os outros; não se podem exigir uns e espezinhar os outros. Esta é uma grave antinomia da mentalidade e do costume atual, que avilta a pessoa, transtorna o meio ambiente e prejudica a sociedade» (Carta Enc. *Caritas in veritate*, 51).

Estimados irmãos e irmãs, dirijome em particular a vós, que recebestes muito em termos de capacidade e de experiência. Gostaria de vos exortar a fim de que quantos demonstraram uma atitude favorável à inovação e a melhorar a qualidade da vida de muitos, mediante o próprio compromisso e a própria competência profissional, possam contribuir ulteriormente para isto, colocando as suas capacidades ao serviço de duas grandes fragilidades do mundo de hoje: os pobres e o meio ambiente. Convido-vos a ser o núcleo de um grupo de líderes que imagina a transição energética global de maneira a ter em consideração todos os povos da Terra, assim como as gerações vindouras e todas as espécies e ecossistemas. Que esta seja vista como a maior oportunidade de uma liderança para incidir de modo duradouro a favor da família humana, uma oportunidade que faça apelo à vossa imaginação mais audaz. Não se trata de algo que pode ser realizado só por vós, nem apenas pelas vossas empresas individualmente. Mas juntos, e colaborando com os outros, pelo menos existe a possibilidade de uma nova abordagem, que até agora não foi posta em evidência.

Acolher este apelo exige uma grande responsabilidade, que requer a bênção e a graça de Deus, assim como a boa vontade de homens e mulheres de todas as latitudes.

Não há tempo a perder: recebemos a Terra do Criador como uma casa-jardim; não a transmitamos às gerações futuras como um lugar selvagem (cf. *Laudato si'*, 160).

É com reconhecimento que vos abençoamos e rezo a Deus Todo-Poderoso, a fim de que conceda a cada um de vós grande determinação e coragem, para servir a casa comum mediante uma renovada forma de cooperação.

Audiência aos astronautas da missão espacial ISS 53



Na manhã de 8 de junho o Papa Francisco recebeu em audiência na sala do «Tronetto» os astronautas da missão ISS 53, com os quais teve a oportunidade de dialogar no dia 22 de outubro passado, quando estavam em órbita a bordo da estação espacial internacional. Com eles estavam também Paolo Castiglioni e Maurizio Saporiti, respetivamente presidente e vice-presidente da associação de pesquisa científica e tecnológica Space Experience.

O Pontífice recebeu um comboio de crianças

Sonhos de periferia

“Avô” Francisco e os seus quinhentos netinhos: foi deveras com um estilo de família – entre confidências, conselhos e perguntas – que na manhã de sábado, 9 de junho, o Papa recebeu mais uma vez o Comboio das crianças no Vaticano, repetindo a iniciativa promovida pelo Pátio dos Gentios do Pontifício Conselho para a cultura, em colaboração com as “Ferrovias italianas”, a fim de apresentar aos pequeninos que vivem em condições desfavorecidas um dia de alegria e festa. «Cidade amiga» foi o slogan desta edição, dedicada às periferias das metrópoles de Milão e Roma.

No Frecciarossa 1000 de Trenitalia, que chegou à estação da Cidade do Vaticano, desta vez viajaram os estudantes de quatro escolas das grandes periferias de Milão: Gallaratese, Corvetto, Barona e Via Padova. São bairros marcados por relevantes complexidades e fragilidades sociais, com significativas presenças de famílias estrangeiras, altas taxas de criminalidade e sérios problemas urbanos. Os estudantes milaneses dos institutos

Ilaria Alpi, Riccardo Massa, Tommaso Grossi e Via Giacosa foram recebidos no Vaticano pelos seus coetâneos de duas escolas de Roma: Giovanni Battista Valente no Prenestino e a escola Arvalia do instituto Antonio Gramsci, do bairro Trullo.

Como um avô o Papa Francisco, respondendo a seis perguntas espontâneas das crianças, deixou-se levar pelas recordações da sua infância, começando pela primeira professora, à qual se afeiçoou de tal forma que nunca a perdeu de vista durante anos, ajudando-a inclusivamente – era já bispo – durante a doença que a levou à morte. Depois Bergoglio recordou também a sua primeira escola, feita com tijolos vermelhos, distante só quatrocentos metros da sua casa, à qual ia sempre a pé. Como naquele dia 25 de maio, festa nacional na Argentina, quando pela primeira vez correu o risco de escorregar por causa do gelo.

Precisamente a partir destas recordações pessoais, íntimas, o Papa deu sugestões às crianças para que nunca percam as próprias raízes, que não



se desenraizem perdendo a memória dos primeiros professores, da primeira escola, e inclusive da própria família.

Durante o diálogo com estes vivazes “netinhos” milaneses e romanos Francisco contou que, na praça próxima à sua casa, acabava regularmente por ser o guarda-redes, desentascando-se de modo egrégio, no improvisado campeonato de futebol de periferia, porque, reconheceu, de certo não era um grande jogador co-

mo atacante. Contudo era muito bom a montar papagaios de papel com varas, papel e fio. E pelas ruas do bairro Flores, o seu amado bairro, não deixava de ir ao carnaval e de se agregar a alegres grupos mascarados. E às vezes tocava as campainhas das casas a fim de remediar alguns centimos para comprar chocolate.

Respondendo às perguntas formuladas pelas crianças, o Papa confidenciou que sentiu “paz” no momento da sua eleição ao pontificado e, acrescentou, aquela “paz” ainda continua a senti-la. Enquanto definiu um “choque” a escolha de se tornar sacerdote, indicando o dia exato da sua vocação: 21 de setembro, festa de São Mateus. Trabalhava num laboratório químico, contou às crianças, mas não se sentia satisfeito pois precisava de fazer algo mais pelos outros.

Também as crianças contaram as suas histórias ao Pontífice. Cantando – reescreveram as palavras de um clássico da periferia milanese como *Il ragazzo della via Gluck* de Adriano Celentano – e apresentando-lhe modelos de projetos sobre as suas periferias elaborados durante um ano de densas pesquisas.

Agradecendo-lhes pelo esforço, tão concreto que pode ser útil até às administrações locais, o Papa exortou os jovens a trabalhar com a inteligência, com as mãos e com o coração. Três elementos, insistiu, que devem sempre estar juntos. E como recordação deste encontro ofereceu pessoalmente a cada um um terço.

Os estudantes contaram a Francisco o percurso pedagógico que os levou à descoberta dos próprios bairros e à elaboração de ideias e soluções para os conhecer e melhorar a sua qualidade da vida. Durante todo o ano escolar, a fim de se preparar melhor para o encontro com o Papa, entrevistaram avós e pais para entender como era o bairro no passado. Encontraram-se com assessores e funcionários dos próprios municípios para compreender as questões sociais e urbanísticas. E elaboraram propostas para melhorar o bairro: ciclovias, lugares de agregação, lugares de culto mais acessíveis, parques mais cuidados e apetrechados, bibliotecas. Neste trabalho foram apoiados por diretores e professores, que ao Papa apresentaram as realidades das suas escolas de periferia falando de inclusão, acolhimento e criatividade. E, parafrazeando a expressão querida ao Pontífice, decla-

Com a graça da vergonha

Prefácio do Papa à sexta edição de «Quem reza salva-se»

«A vergonha é uma graça, se nos levar a pedir perdão, assim como é uma graça o dom das lágrimas, que lava o nosso olhar e nos faz ver melhor a realidade», ressalta o Papa Francisco numa espécie de vade-mécum para «se confessar bem», que é o prefácio por ele escrito recentemente para a sexta edição do difundido livrinho *Chi prega si salva*, por obra do padre Giacomo Tantarini (1946-2012). O pequeno manual com as orações mais simples da tradição cristã foi publicado pela primeira vez em 2001 pela revista «30Giorni». Seguiram-se outras edições, até àquela de 2005, a qual continha uma introdução assinada pelo então cardeal Joseph Ratzinger, que pouco tempo depois teria sido eleito ao Pontificado. A versão atual manteve aquele texto, que precedido por uma breve reflexão do Papa Bergoglio, o qual começa com as palavras de Santo Ambrósio na *Expositio in Psalmum 118*: «Vinde, pois, Senhor Jesus. Vinde a mim, procurai-me, encontrai-me, tomai-me nos braços, carregai-me». Uma prece, explica Francisco, «muito querida a Tantarini», que «a recitava com frequência». A ponto de ter sido escolhida também como capa do suplemento que o mensal internacional dirigido por Giulio Andreotti lhe dedicou por ocasião da morte do sacerdote lombardo, ocorrida a 19 de abril de 2012, com uma recordação intitulada: «O meu amigo padre Giacomo», assinada no dia 6 de maio seguinte, precisamente pelo cardeal arcebispo de Buenos Aires.

No prefácio, datado de 28 de março de 2018, o pontífice evoca «o seu coração de criança, a sua oração tão consciente de que o Senhor é o primeiro que toma a iniciativa, e nós nada podemos fazer sem ele». Por isso, acrescenta, «não foi por acaso que a este livrinho», o autor «quis dar como título uma expressão de Santo Afonso Maria de Ligório».

«Traduzido nas principais línguas» e «difundido em centenas de milhares de cópias no mundo inteiro, enviado gratuitamente até a muitas missões católicas espalhadas por todos os recantos do planeta», o «pequeno livro» – assim o define Francisco – nasceu de uma intuição de Tantarini «a pedido de jovens que se convertiam ao cristianismo». E hoje «os amigos do padre Giacomo consideram-no o seu presente mais bonito». Sobretudo porque – afirma o Papa – além das preces, reúne «tudo o que ajuda a fazer uma boa confissão». A propósito, o Pontífice cita uma frase que o sacerdote «repetia muitas vezes na última fase da sua vida: “Quem se confessa bem torna-se santo”». E inspirando-se nesta consciência, o próprio Francisco completa



Sarokumar Pattnaik, «Oração»

o prefácio com uma espécie de vade-mécum para o penitente que se aproxima do sacramento.

«O ponto de partida – esclarece – é o exame de consciência, a dor sincera pelo mal cometido». Segue-se «a confissão dos pecados individualmente, com concretude e sobriedade. Sem se envergonhar da própria vergonha». De resto, como ensina o Evangelho, «para o Senhor é suficiente um sinal de arrependimento. A misericórdia divina espera com paciência o regresso do filho pródigo, aliás, antecipa-o, previne-o, tocando primeiro o seu coração, de modo a despertar nele o desejo de poder voltar a ser abraçado pela sua ternura infinita e de poder voltar a caminhar».

Eis por que razão, sugere o Papa, «no confessionalário temos que ser concretos na confissão dos pecados, sem reticências», dado que «depois vemos que é o próprio Senhor quem nos “fecha a boca”, como se nos dissesse: isto é suficiente! Basta-lhe ver aquele sinal de dor; Ele não quer torturar a tua alma, deseja abraçá-la. Quer a tua alegria». Porque, conclui Francisco com uma certeza frequente em todo o seu magistério, «Jesus veio para nos salvar assim como somos: pobres pecadores, que pedem para ser procurados, encontrados, abraçados e carregados por Ele».

No Angelus o apelo do Santo Padre a favor da Coreia e do mundo

Um futuro de paz

Que os colóquios em Singapura entre Donald Trump e Kim Jong-un «possam contribuir para o desenvolvimento de um percurso positivo que garanta um futuro de paz à Península coreana e ao mundo inteiro», foram os votos formulados pelo Papa no Angelus de domingo, 10 de junho, na praça de São Pedro. Antes da prece mariana o Pontífice comentou o excerto do evangelho dominical de Marcos (3, 20-35).

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

O Evangelho deste domingo (cf. Mc 3, 20-35) mostra-nos dois tipos de incompreensão que Jesus teve que enfrentar: a dos escribas e a dos seus próprios familiares.

A primeira incompreensão. Os escribas eram homens instruídos nas Sagradas Escrituras e encarregados de as explicar ao povo. Alguns deles são enviados de Jerusalém à Galileia, onde a fama de Jesus começava a difundir-se, a fim de o desacreditar aos olhos do povo; para desempenhar a função de linguarudos, desacreditar o outro, privar da autoridade, que coisa feia! E eles foram enviados para fazer isto. Estes escribas chegam com a acusação clara e terrível — eles não poupam meios, vão ao centro e dizem o seguinte: «Ele tem Belzebu, é pelo príncipe dos demónios que expulsa os demónios» (v. 22). Ou seja, é o chefe dos demónios que O impele; que equivale a dizer mais ou menos: “ele é um endemoninhado”. Com efeito, Jesus curava muitos doentes, e eles pretendem fazer crer que não o faz com o Espírito de Deus — como fazia Jesus — mas com o do Maligno, com a força do diabo. Jesus reage com palavras fortes e claras, não tolera isto, pois aqueles escribas, talvez sem se darem conta, estão a cair no pecado mais grave: negar e blasfemar o Amor de Deus que está presente e age em Jesus. E a blasfema, o pecado contra o Espírito Santo, é o único pecado imperdoável — assim diz Jesus —



«Nossa Senhora da Coreia»

porque parte de um fechamento do coração à misericórdia de Deus que age em Jesus.

Mas este episódio contém uma admoestação que serve a todos nós. Com efeito, pode acontecer que uma grande inveja pela bondade e pelas boas obras de uma pessoa possa levar a acusá-la falsamente. Há nisto um grande veneno mortal: a maldade com que, de maneira intencional se pre-

tende destruir a boa fama do outro. Deus nos livre desta terrível tentação! E se, examinando a nossa consciência, nos apercebemos que esta erva daninha está a germinar dentro de nós, vamos imediatamente confessá-lo no sacramento da Penitência, antes que se desenvolva e produza os seus efeitos malvados, que são incuráveis. Estai atentos, pois esta atitude destrói as famílias, as amizades, as comunidades e até a sociedade.

O Evangelho de hoje fala-nos também de outra incompreensão, muito diversa, em relação a Jesus: a dos seus familiares. Eles estavam preocupados, porque a sua nova vida itinerante lhes parecia uma loucura (cf. v. 21). Com efeito, Ele mostrava-se muito disponível com o povo, sobretudo com os doentes e os pecadores, a ponto de não ter tempo nem sequer para comer. Jesus era assim: primeiro as pessoas, servir o povo, ajudar o povo, ensinar ao povo, curar as pessoas. Era para as pessoas. Não tinha tempo nem sequer para comer. Por conseguinte, os seus familiares decidem reconduzi-lo a Nazaré, a casa. Chegam ao lugar onde Jesus está a pregar e mandam chamá-lo. Disseram-lhe: «Estão ali fora, Tua mãe e Teus irmãos que te procuram» (v. 32). Ele respondeu: «Quem são Minha mãe e Meus irmãos?», e olhando para as pessoas que estavam em seu redor a ouvi-lo, acrescentou: «Aí estão Minha mãe e Meus irmãos. Aquele que fizer a vontade de Deus, esse é que é Meu irmão, Minha irmã e Minha mãe» (vv. 33-34). Jesus formou uma nova família, já não baseada nos vínculos de sangue, mas na fé n'Ele, no seu amor que nos acolhe e nos une, no Espírito Santo. Todos aqueles que acolherem a palavra de Jesus são filhos de Deus e irmãos entre si. Acolher a palavra de Jesus tornam-se irmãos entre nós, faz de nós a família de Jesus. Falar mal dos outros, destruir a fama dos outros, torna-nos a família do diabo.

Aquela resposta de Jesus não é uma falta de respeito para com a sua mãe e os seus familiares. Aliás, para Maria é o maior reconhecimento, pois precisamente ela é a discípula perfeita que obedeceu em tudo à vontade de Deus. Que a Virgem Mãe nos ajude a viver sempre em comunhão com Jesus, reconhecendo a obra do Espírito Santo que age n'Ele e na Igreja, regenerando o mundo para a vida nova.

No final do Angelus, depois do apelo em vista da cimeira de Singapura, o Papa recordou a beatificação, na França, da irmã Maria da Conceição e saudou alguns grupos de fiéis presentes na praça.

Queridos irmãos e irmãs!

Desejo enviar de novo ao amado povo coreano um particular pensamento na amizade e na oração. Que os colóquios que terão lugar nos próximos dias em Singapura possam contribuir para o desenvolvimento de um percurso positivo, que garanta um futuro de paz à Península coreana e ao mundo inteiro. Por isto rezemos ao Senhor. Todos juntos rezemos a Nossa Senhora, Rainha da Coreia, que acompanhe estes colóquios. [“Ave Maria...”].

Hoje, em Agen, na França, é proclamada Beata a irmã Maria da Conceição, no século Adelaide de Batz de Trenquelléon. Viveu entre os séculos XVIII e XIX, fundou as Filhas de Maria Imaculada, ditas Marianistas. Louvemos ao Senhor por esta sua filha que consagrou a vida a Ele e ao serviço dos irmãos. Um aplauso à nova Beata, um aplauso, todos.

Saúdo todos vós, queridos romanos e peregrinos: os grupos paroquiais, as famílias, as associações. Em particular saúdo os fiéis que vieram da Espanha: de Múrcia, Pamplona e Logroño. E da Itália os de Nápoles, os jovens de Mestrino e o grupo desportivo alpinos de Legnago.

Desejo-vos bom domingo. E por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Bom almoço e até à vista!

O Pontífice recebeu um comboio de crianças

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 4

raram que preferem «uma escola que se suja misturando-se com a realidade social do que uma escola que se conserva limpa no seu fechamento».

Portanto esta iniciativa, explicou o cardeal Gianfranco Ravasi, presidente do Pontifício Conselho para a cultura, acompanhado pelo padre Laurent Mazas, ofereceu aos estudantes a oportunidade de sonhar o modo como desejaríamos o seu bairro, enfrentando alguns dos grandes problemas que os tocam de perto, como a requalificação urbana das periferias, e observando em primeira pessoa a realidade que os circunda. Por conseguinte, para os estudantes esta experiência foi importante para redescobrir e reapropriar-se do seu bairro.

O cardeal observou ainda que entre as quinhentas crianças a maioria não é católica. Há muçulmanos, budistas, ortodoxos e ateus. E, acrescentou, é significativo que família alguma se opôs à participação dos filhos a esta iniciativa culminada no Vaticano com o encontro com o Pontífice.

Além disso o purpurado agradeceu e apresentou ao Papa os responsáveis das “Ferro-

vias italianas” que permitiram a realização desta iniciativa: a presidente Gioia Ghezzi e o administrador delegado Orazio Iacono. Recordando que é a sexta edição do Comboio das crianças, o cardeal frisou que até agora vieram ao Vaticano para se encontrar com o Papa centenas de crianças que vivem em condições desfavorecidas:

migrantes, pobres, filhos de encarcerados e desempregados. Sem esquecer as crianças das zonas do centro da Itália atingidas pelo sismo.

Por fim, foi significativa a presença do coro Scuolacantao-ra, composto por crianças que tocam flauta e cantam juntamente com os presos dos cárceres de Chieti e Pescara.

Visita «ad limina» dos bispos da Gâmbia, Libéria e Serra Leoa



Na manhã de segunda-feira, 11 de junho, o Papa recebeu os prelados da Conferência episcopal da Gâmbia, Libéria e Serra Leoa

Missas matutinas em Santa Marta

Quinta-feira, 7 de junho

Memória e esperança

É entre «memória e esperança» que podemos «encontrar Jesus». E o Papa Francisco sugeriu três conselhos práticos para não sermos «cristãos desmemoriados» e portanto incapazes de dar «sal à vida»: recordar-nos dos primeiros encontros com o Senhor, de quantos nos transmitiram a fé — a começar pelos pais e avós — e da lei de Deus. Foi nestas indicações a «voltar atrás para ir em frente» que o Pontífice centrou a missa, propondo também um exame de consciência.

Francisco observou que «na primeira Leitura Paulo chama a atenção de Timóteo para a memória: “Meu filho, recorda-te de Jesus Cristo”». E, referindo-se ainda à segunda Carta paulina a Timóteo (2, 8-15), o Papa recordou também que, «mais adiante», o apóstolo insiste escrevendo: «Lembra-te disto».

Em síntese, Paulo «exorta» Timóteo «a recuar no tempo para encontrar Jesus; e a memória, como é apresentada na Bíblia, não é um pensamento, diríamos, um pouco romântico, como se disséssemos que “os tempos passados eram melhores”». Não, explicou o Papa, «a memória é um voltar atrás para encontrar forças e poder caminhar para a frente». Mais ainda, «a memória cristã é sempre um encontro com Jesus Cristo». Por isso, Paulo escreve a Timóteo: «Recorda-te de Jesus Cristo, lembra-te disto».

«A memória cristã é como o sal da vida: sem memória não podemos ir em frente», afirmou o Papa. A ponto que «quando encontramos cristãos “desmemoriados”, vemos imediatamente que perderam o sabor da vida cristã e acabaram» por ser «pessoas que cumprem os mandamentos, mas sem mística, sem encontrar Jesus». Ao contrário, «devemos encontrar Cristo na vida».

«Vieram-me à mente três situações em que podemos encontrar Jesus», disse o Papa, indicando-as: «Nos primeiros momentos, assim os chamamos; nos nossos pais, nos nossos antepassados; e na lei».

Portanto, «Recorda-te de Jesus Cristo nos primeiros momentos» é a primeira indicação. E «a Carta aos Hebreus é clara sobre isto: “Lembra-vos dos primeiros tempos, depois da vossa conversão”», um momento em que «éreis tão fervorosos», ardentes.

De resto, disse o Pontífice, «cada um de nós tem momentos de encontro com Jesus». E «na nossa vida existe um, dois, três momentos em que Jesus se aproximou, se manifestou». E é importante, observou, «não esquecermos estes momentos: temos que voltar atrás e retomá-los, pois são momentos de inspiração, onde encontramos Jesus Cristo». Nesta ótica, Francisco referiu-se novamente à Carta aos Hebreus: «Fixa os olhos, o olhar, em Jesus Cristo, que é o Criador, o consumidor da fé; lembra-vos daquele que sofreu tanta hostilidade». Portanto, eis o convite do Papa, «pensai sempre em Jesus Cristo, mas nos momentos cada um de nós tem momentos como estes, quando encontrou Jesus

Cristo, quando mudou de vida, quando o Senhor lhe mostrou a própria vocação, quando o Senhor o visitou numa hora difícil».

E «no coração temos estes momentos: procuremo-los, contemplemos tais momentos», afirmou o Pontífice, renovando a exortação a «lembrar-me dos momentos em que encontrei Jesus Cristo, dos momentos em que Jesus Cristo me encontrou», pois aqueles momentos, explicou, «são a fonte do caminho cristão, a nascente que me fortalecerá». Por isso é importante «voltar sempre àqueles momentos para retomar as forças e poder ir em frente».

Nesta altura, insistiu o Papa, «cada um pode interrogar-se: lembro-me dos momentos de encontro com Jesus, quando mudou a minha vida, quando me prometeu algo?». E «se não nos lembramos deles, procuremo-los: cada um de nós os tem, busquemo-los».

A segunda situação para o «encontro com Jesus» é a memória dos nossos antepassados», afirmou Francisco. E «a Carta aos Hebreus é clara também sobre isto: “Recorda-te dos teus pais, de quantos te ensinaram a fé”, dos que te transmitiram a fé». Além disso, na mesma Carta proposta pela liturgia, «um pouco mais adiante Paulo volta a falar sobre isto e diz a Timóteo: “Recorda-te da tua mãe e da tua avó, que te transmitiram a fé”».

Concretamente, o apóstolo indica «o exemplo dos nossos pais, das nossas raízes, de quantos nos transmitiram a fé», porque «não recebemos a fé pelo correio». Foram «homens e mulheres que no-la transmitiram. A ponto que se lê ainda na Carta aos Hebreus: «Olhai para eles, que são uma multidão de testemunhas, e hauri força daqueles que padeceram o martírio e outros sofrimentos».

Sem dúvida, acrescentou Francisco, podemos receber a fé também daqueles «que estão mais próximos de nós, como diz Paulo a Timóteo: da tua mãe, da tua avó, de quantos nos transmitiram a fé». Com a consciência de que «sempre que a água da vida se torna um pouco turva é importante ir à fonte e nela encontrar a força para ir em frente».

Nesta direção, propôs o Pontífice, «podemos questionar-nos: recordo-me dos meus pais, dos meus antepassados, sou um homem, uma mulher com raízes ou tornei-me desenraizado, desenraizada, vivo só no presente?». E se for assim, é oportuno «pedir imediatamente a graça de voltar às raízes, às pessoas que nos transmitiram a fé: “Lembra-vos dos vossos antepassados”».

«O terceiro ponto para trazer à memória é a lei», disse o Papa. E citando o trecho do Evangelho de Marcos (12, 28-34), explicou que «Jesus nos faz recordar da lei», repetindo claramente que «o primeiro mandamento é: “Escuta, Israel, o Senhor nosso Deus”. Sim, «escuta Israel!» é uma «palavra que se repete muitas vezes no Antigo Testamento, no Deuterónimo, quando há muito o povo tinha perdido a memória, o Senhor» diz: «Escuta, Israel, não te esqueças, Israel!». A ponto que esta expressão «se tornou uma prece para os judeus: “Escuta,

Israel!»». Portanto, «repetem as palavras do Senhor: a memória da lei». E «a lei é um gesto de amor do Senhor para conosco, porque nos indicou o caminho, dizendo: “Por esta senda não errarás”».

Eis a importância de «recordar a lei: mas não a lei fria, que parece simplesmente jurídica». Ao contrário, «a lei de amor, a lei que o Senhor inseriu no nosso coração». Neste sentido, o Papa sugeriu que nos perguntemos se «somos fiéis à lei, se recordamos e respeitamos a lei?». Pois «às vezes nós cristãos, até consagrados, temos dificuldade em repetir de cor os mandamentos: “Sim, recordo-me deles”, mas depois num certo ponto erro, não me lembro». Por isso, a «memória da lei, lei de amor, mas concretas».

«Recorda-te de Jesus Cristo», reiterou o Papa, convidando a manter «o olhar fixo no Senhor nos momentos da minha vida em que encontrei o Senhor, horas difíceis, de provação; nos meus antepassados e na lei». Certos de que «a memória não é só um voltar atrás», mas «é um voltar atrás para ir em frente».

Com efeito, observou Francisco, «memória e esperança caminham juntas: a memória cristã vai à esperança, e a esperança à memória». Assim «são complementares, completam-se». Com esta consciência, o Papa renovou o convite a recordar-se «de Jesus Cristo, o Senhor que veio, que me resgatou e que há de vir, o Senhor da memória, o Senhor da esperança».

O Pontífice concluiu com uma proposta: «Hoje, cada um de nós pode refletir por alguns minutos para se questionar como está a própria memória, a memória dos momentos em que encontrou o Senhor, a memória dos seus antepassados, a memória da lei». E interrogar-se também «como está a própria esperança, no que espera». Desejando «que o Senhor nos ajude neste trabalho de memória e de esperança».

Sexta-feira, 8 de junho

Como a flor da amendoeira

Para compreender e viver o amor não servem lindos discursos, mas simples obras de misericórdia — dar de comer a quem tem fome, visitar os doentes e presos — que não devem ser confundidas com a beneficência leiga, mesmo se meritória. Pois ao amor de Deus, que é ilimitado e se manifesta na pequenez e na ternura, responde-se mais com obras do que com palavras. Eis a mensagem que o Papa Francisco lançou durante missa de 8 de junho, solenidade do Sagrado Coração de Jesus.

«Podemos dizer que hoje a Igreja celebra a solenidade litúrgica do amor de Deus: hoje é a festa do amor» afirmou o Pontífice no início da homilia. «O apóstolo João — acrescentou — diz-nos “o que é o amor: não porque nós amamos a Deus mas porque Ele nos amou primeiro. Ele esperava-nos com amor. Ele é o primeiro a amar”». E, acrescentou Francisco, «os profetas compreendiam isto e usaram o símbolo

da flor de amendoeira: é a que floresce primeiro, na primavera». Também Deus «é assim: é sempre o primeiro: é o primeiro a esperar-nos, a amar-nos, a ajudar-nos». E «o amor é isto, é o amor de Deus».

A este propósito o Papa fez presente também que «é difícil compreender o amor de Deus: Paulo, no trecho da carta proposta hoje pela liturgia» (*Ef* 3, 8-12.14-19), fala de «anunciar às nações as riquezas impenetráveis de Cristo». Em suma, «fala do mistério escondido desde há séculos em Deus: aquelas “riquezas impenetráveis” de Deus». Mas reconheceu o Pontífice, «não é fácil compreender isto: é uma coisa distante, misteriosa».

Depois Paulo «reza a fim de que os cristãos sejam capazes de compreender qual é, e a este ponto cancela todos os limites, a amplitude, o comprimento, a altura e a profundidade do amor de Deus». Em síntese, o apóstolo «fala de Deus cancelando o limite: vai sempre além». Estamos diante de «um amor que não se pode compreender» reafirmou Francisco. Porque «o amor de Cristo supera qualquer conhecimento, supera tudo: como é grande o amor de Deus». A ponto que, afirmou, «um poeta dizia que era como o “mar, sem margens, sem fundo”, um mar sem limites».

É precisamente este o amor que nós devemos compreender, o amor que nós recebemos», explicou o Papa. E é «esta a graça que Paulo pede: compreender e “anunciar às nações as impenetráveis riquezas de Cristo”».

Por conseguinte, a questão de fundo, sugeriu o Pontífice, consiste em «como se pode compreender o amor» e também «como o Senhor nos revela este amor». Olhando para «a história da salvação, o Senhor foi um grande pedagogo, com a pedagogia do amor». Referindo-se em particular ao excerto do profeta Oseias (11, 1.3-4.8-9) proposto pela liturgia, o Papa observou que «o Senhor explica como manifestou o seu amor: não com o poder, com o fazer sentir tudo». Aliás, com a atitude contrária. «Ouçamos» as palavras do profeta, sugeriu Francisco: «Eu, entretanto, ensivava Efraim a andar, tomava-o nos meus braços, mas não compreenderam que eu cuidava deles». Por conseguinte, Deus tomava o seu povo pela mão, próximo, como um pai». Ou melhor, continua o texto de Deus: «Atrai-os com cordas humanas, com laços de amor, e fui para eles como os que tiram o jugo de sobre as suas queixadas, e lhes dei mantimento — quanta ternura. O meu coração revolve-se dentro de mim, eu me comovo de dó e compaixão».

O trecho de Oseias testemunha, afirmou o Pontífice, que Deus não «manifesta o amor com coisas grandiosas: torna-se pequeno, pequenino, com estes gestos de ternura, de bondade». É um Deus que «se faz pequenino, que se aproxima, e com esta proximidade, com esta pequenez, faz-nos compreender a grandeza do amor».

«O que é grande deve ser compreendido através do pequeno» insistiu o Papa, recordando também que Deus «vai além, envia o seu Fi-



Tatiana Leony, «Amendocira em flor»

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 6

lho, mas não o envia em majestade, em força, envia-o em carne pecadora: «o Filho humilhou-se a si mesmo, assumiu a forma de servo até à morte, à morte de cruz». Por isso, reafirmou Francisco, «a grandeza maior tem que ser expressada na menor e mais dramática pequenez: este é o mistério do amor de Deus, deste amor que o Senhor nos ensina a demonstrar mais com as obras do que com as palavras».

É «um amor total» afirmou Francisco. E «o símbolo é o coração trespassado: assim podemos compreender também o percurso cristão». Com efeito, explicou, «quando Jesus nos quer ensinar qual deve ser a atitude cristã diz-nos poucas coisas, mostra-nos aquele famoso protocolo sobre o qual todos nós seremos julgados: Mateus 25».

É aquele protocolo evangélico, observou o Pontífice, «não diz “eu penso que Deus seja assim, entendi o amor de Deus”». O excerto do Evangelho de Mateus, ao contrário, afirma: «Dentro das minhas possibilidades, pus em prática o amor de Deus: dei de comer ao faminto, dei de beber ao sedento, visitei o doente, o preso». Porque, explicou o Papa, «são precisamente as obras de misericórdia o caminho de amor que Jesus nos ensina em continuidade com este amor de Deus, grande». E foi «com este amor sem limites que ele se aniquilou, se humilhou em Jesus Cristo, e nós devemos exprimi-lo assim». Por conseguinte, prosseguiu, «o Senhor não nos pede grandes discursos sobre o amor; pede-nos que sejamos homens e mulheres com um amor grande ou pequeno, o mesmo, mas que saibamos fazer estas pequenas coisas por Jesus, pelo Pai».

Nesta perspetiva, acrescentou o Pontífice, «compreende-se a diferença entre uma obra de beneficência merecedora, leiga, e as obras de misericórdia que são a continuidade deste amor, que se faz pequeno, chega até nós, e nós o levamos por diante».

«Hoje é a solenidade do amor de Deus – concluiu Francisco – e o amor de Deus, se o quisermos compreender, temos que o transmitir nas obras, nas pequenas obras de misericórdia: transmiti-lo assim, com simplicidade». E «este será o anúncio daquele amor que não tem limites e por isso foi capaz de se expressar nas pequenas coisas». Com os votos de «que o Senhor nos faça entrar neste mistério do amor de Deus».

Elaborado o esboço da nova constituição apostólica

Praedicate evangelium

Praedicate evangelium: é o título do esboço da nova constituição apostólica relativa à Cúria romana que o Conselho de cardeais entregará ao Papa Francisco para «as ponderações que considerar oportunas, úteis e necessárias», explicou Greg Burke, diretor da Sala de imprensa da Santa Sé, no encontro com os jornalistas, na manhã de quarta-feira, 13 de junho, na conclusão da vigésima quinta reunião do organismo.

Grande parte dos trabalhos do Conselho foi dedicada precisamente ao exame do esboço da nova constituição apostólica. Os cardeais consideraram também a maneira como, segundo um princípio de gradualidade muitas vezes evocado pelo Papa, várias partes da reforma da Cúria, que já está a decorrer foram postas em prática durante os cinco anos de trabalho. A este propósito, aos jornalistas presentes na sala de imprensa foi distribuído um texto elaborado pelo próprio Conselho com o título significativo: *O processo de reforma da Cúria romana. 13 de abril de 2013 – 10 de abril de 2018*. No texto encontram-se enumeradas as etapas mais significativas destes últimos cinco anos, ou seja, desde quando, a 13 de abril de 2013 foi constituído o Conselho de cardeais para aconselhar o Papa no respeitante ao governo da Igreja universal e a outros temas afins, com a tarefa específica de propor a revisão da constituição apostólica *Pastor bonus*.

Na reunião, que teve início na segunda-feira 11, participaram todos os membros do organismo, menos o cardeal Pell. O Papa esteve presente nos trabalhos, exceto na manhã de quarta-feira, porque empenhado na audiência geral na praça de São Pedro. As sessões foram realizadas de manhã, das 9h00 às 12h00, e à tarde, das 16h00 às 19h00. Foi ouvido também o monsenhor Brian Ferme, secretário do Conselho para a economia, o qual apresentou a reforma da estrutura financeira-organizativa da Santa Sé e do Governatorato. Além disso, monsenhor Ferme ilustrou os objetivos e os princípios fundamentais, entre os quais evitar esbanjamentos, favorecer a transparência, garantir a correta aplicação dos princípios contábeis, seguir o princípio do controle duplo e os padrões internacionais. O prelado frisou ainda alguns resultados positivos: um procedimento uniforme para a preparação do orçamento e do balanço; maior atenção às despesas; mais cooperação e compreensão da reforma financeira; gradual mudança de mentalidade em relação à transparência e à accountability. Por fim, o cardeal Sean Patrick O'Malley, informou acerca do trabalho da Pontifícia comissão para a tutela dos menores.

A próxima reunião do Conselho de cardeais terá lugar nos dias 10, 11 e 12 de setembro.

Foi beatificada em Agen Maria da Conceição

A baronesa de avental

O batismo «plasmou pouco a pouco» a sua nobreza social, fazendo com que se tornasse santidade evangélica. Na sua vida, Adélaïde-Marie-Charlotte-Jeanne-Joséphine, filha do barão de Trenquelléon, brilhou não «pelo bem-estar das riquezas terrenas, mas pela abundância das suas virtudes cristãs», disse o cardeal Angelo Amato, prefeito da Congregação para as causas dos santos, durante a beatificação da religiosa francesa que, como consagrada assumiu o nome de Maria da Conceição. O rito, presidido pelo papa, foi celebrado na tarde de 10 de junho, no parque das exposições de Agen, na França.

A nova beata – fundadora das filhas de Maria Imaculada (marianistas) – nasceu no castelo de Trenquelléon no início da Revolução francesa. Viveu de fé, frisou o cardeal. Nas cartas enviadas às irmãs de hábito, «exorta-as continuamente a viver de fé e a agir de modo consequente». Repetia com frequência o convite a viver esta fé «absoluta, que não espera uma recompensa terrena, mas reserva para a eternidade as consolações do espírito».

Numa época turbulenta como a sua, acrescentou o prefeito, «viver de fé significava experimentar o martírio da oferta da vida, preparando-se até para o martírio de sangue. Viver de fé ressaltava a radicalidade do amor». Isto colocava-a numa dimensão espiritual de abertura total à vida eterna. Madre Adélaïde «aspirava ao Paraíso, desejava ardentemente a felicidade eterna».

Tinha a firme confiança de que «a realização da sua santidade e a consolidação da congregação eram inteiramente obra da graça e da Providência divina». Por isso, não



A jovem Adele ensina catecismo às crianças

obstante as adversidades, «as incompreensões e as muitas deserções – dolorosas as das amigas que publicamente tinham decidido segui-la entrando no convento de Agen – ela pôs toda a sua desilusão nas mãos de Deus, afirmando que se a fundação era vontade de Deus, a Providência teria pensado em superar todos os obstáculos».

A fé e a esperança encontravam o seu cumprimento na caridade. «Era animada por uma caridade sólida – disse o cardeal – que transparecia do seu rosto sereno e bom, e que a tornava perseverante na sua consagração total ao Senhor». O seu apostolado era «sustentado por uma intensa vida interior, feita de oração, adoração, comunhão eucarística e devoção à Virgem». Exortava as irmãs «a levar uma vida escondida em Jesus Cristo, a exemplo

da Virgem, padroeira da congregação». Desde criança, recordou o purpurado, era «muito generosa e diligente para com os pobres». Como leiga, ganhava 400 francos por ano, destinando-os totalmente aos necessitados dos arredores. «Quando a sua bolsa estava vazia, chegava a recorrer a empréstimos, a bordados e até ao comércio». Era generosa também na caridade espiritual. Com efeito, dava esmolas, «instruía o pobre ignorante sobre as verdades da fé». E quando se tratava de uma criança, convidava-a a frequentar as lições de catecismo. Pensava na educação e no sustento dos pequeninos, recomendando-o a pessoas abastadas. Com a sua caridade fez voltar à Igreja alguns que se tinham afastado.

CONTINUA NA PÁGINA 15

Apresentado o documento preparatório para a assembleia especial do Sínodo dos bispos para a Região pan-amazônica

Ver, julgar, agir

LORENZO BALDISSERI*

Como foi anunciado pelo Santo Padre a 15 de outubro de 2017, a assembleia especial do Sínodo dos bispos sobre o tema: «Amazônia, novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral», terá lugar no mês de outubro do próximo ano de 2019. Os novos caminhos de evangelização são pensados para e com o povo de Deus que habita naquela região. Por este motivo, desde o início do caminho sinodal, a Secretaria geral do Sínodo dos bispos trabalhou em estreita ligação com a Rede eclesial pan-amazônica (Repam), organismo que desempenha as atividades eclesiais naquela região.

Mesmo se o tema se refere a um território específico, como a Pan-Amazônia – é por isso que se fala de sínodo pan-amazônico – as reflexões que lhe dizem respeito superam o âmbito regional, pois elas concernem toda a Igreja e também o futuro do planeta. Tais reflexões pretendem ser uma ponte rumo a outras realidades geográficas semelhantes como, por exemplo: a bacia fluvial do Congo, o corredor biológico mesoamericano, as florestas tropicais da Ásia ou do Pacífico, o sistema aquífero Guaraní. Este grande projeto eclesial, cívico e ecológico permite alongar o olhar para além dos respetivos confins e redefinir linhas pastorais tornando-as adequadas aos tempos atuais. Também por estas razões o sínodo será celebrado em Roma.

Na região pan-amazônica, a atenção aos povos nativos, que nela habitam, é prioritária. Estes povos, como afirmou o Papa Francisco em Puerto Maldonado (19 de janeiro de 2018), nunca estiveram tão ameaçados como agora. Em segundo lugar a atenção focalizará o tema do meio ambiente, da ecologia e do cuidado da criação, a casa comum. Tudo isto será apresentado à luz do ensinamento e da vida da Igreja, ativa na região.

Nesta linha se publica hoje o documento preparatório, que reúne instâncias, sugestões e propõe indicações para uma adequada preparação para a Assembleia sinodal.

O documento preparatório consta de uma introdução e de três partes, que correspondem ao método do "ver, julgar (discernir) e agir"; método já utilizado precedentemente (sínodo sobre a família) com bons resultados. Por fim, inclui-se um questionário sobre o qual as Igrejas locais e outras entidades concernidas trabalharão.

A primeira parte do documento, dedicada ao "ver", delimita a identidade da Pan-Amazônia e a urgência da escuta. Os temas enfrentados são: território; diversidade sociocultural; identidade dos povos indígenas; memória histórica eclesial; justiça e direitos dos povos, assim como a espiritualidade e sabedoria dos povos amazônicos.

A região pan-amazônica desenvolve-se por mais de sete milhões e meio de quilômetros quadrados, com nove países que partilham este grande bioma

(Brasil, Bolívia, Colômbia, Equador, Peru, Venezuela, Suriname, Guiana e Guiana francesa) e engloba sete conferências episcopais.

A bacia hidrográfica da Amazônia representa, para o nosso planeta, uma das maiores reservas de biodiversidade (de 30 a 50% da flora e da fauna do mundo) e de água doce (60% da água doce não congelada de todo o planeta). Além disso, a região possui mais de um terço das florestas primárias do planeta, e é uma importante fornecedora de oxigênio para a terra inteira.

A população neste imenso território conta cerca de 34 milhões de habitantes, dos quais mais de 3 milhões são indígenas pertencentes a mais de 390 etnias. Incluem-se também povos e culturas de todos os tipos e contextos afrodescendentes, camponeses, colonos, etc. Todos vivem numa relação vital com a vegetação e com as águas dos rios segundo os seus movimentos cíclicos, tais como inundações, refluxos e períodos de seca.

Os centros habitados e as cidades na Amazônia aumentaram rapidamente em número por causa do fenómeno migratório rumo às periferias, de modo que, atualmente, entre 70-80% da população reside nestes centros e cidades.

A riqueza da floresta e dos rios está ameaçada por grandes interesses económicos, nos diversos pontos do território, que provocam o desmatamento indiscriminado, a contaminação dos rios e dos lagos, por causa do uso de agrotóxicos, de derrame de petróleo, da mineração e da produção de drogas. A tudo isto se junta um aumento dramático do tráfico de pessoas, em particular de mulheres e crianças, para fins de exploração desumana de todos os tipos.

Desde a primeira evangelização a Igreja esteve presente de maneira forte e significativa, mesmo se com sombras, na defesa e no desenvolvimento dos povos até aos nossos tempos, nos quais ela se envolveu em maior medida com a sua ação eclesial e social em resgate dos povos oprimidos e marginalizados. A este propósito, são particularmente relevantes as intervenções do episcopado latino-americano através dos documentos de Medellín (1968), Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e Aparecida (2007).

Acerca da justiça e dos direitos dos povos, a orientação do Papa Francisco é clara: «Acho que o problema essencial é como reconciliar o direito ao desenvolvimento, inclusive social e cultural, com a tutela das características próprias dos indígenas e dos seus territórios [...] Neste sentido, deveria prevalecer sempre o direito ao consenso prévio e informado» (*Discurso ao Fórum dos povos indígenas*, 15 de fevereiro de 2017).

A segunda parte do documento é relativa ao "discernir" novos caminhos a partir da nossa fé em Jesus Cristo, iluminados pelo magistério e pela tradição da Igreja. Por conseguinte, o conteúdo desta parte está marcado pelo anúncio do Evangelho na Amazônia, nas suas diversas dimensões: bíblico-teológica,

social, ecológica, sacramental e eclesial-missionária.

As narrações bíblicas inspiram uma profunda reflexão da realidade específica da Amazônia, do seu destino e da sua dimensão cósmica, a partir do Génesis até ao Apocalipse. A luz da palavra de Deus instaura-se a tensão entre o já e o ainda não que engloba a família humana e o mundo inteiro. «Porque a criação aguarda ansiosa a revelação dos filhos de Deus; porque a criação ficou sujeita à vaidade [...] Na esperança de que também a mesma criatura seja libertada da servidão da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus» (*Rm* 8, 19-22).

O anúncio evangélico tem um «conteúdo inevitavelmente social» (*Evangelii gaudium*, 177) e implica o compromisso a favor do outro para melhorar a sua vida e deste modo «tornar presente no mundo o Reino de Deus» (*Ev*, 176).

Esta dimensão social e comunitária encontra uma expressão relevante precisamente no território amazônico, no qual o existencial se conjuga inseparavelmente com a vida das pessoas e garante a estabilidade e a salvaguarda da casa comum. Por isso, como nos recorda o Papa Francisco, a obra de evangelização não pode «mutillar a integridade da mensagem do Evangelho» (*Ev*, 39), e ao mesmo tempo não pode deixar de ter em conta a exigência de posições que ajudem a acolher melhor o anúncio: a proximidade, a abertura

ao diálogo, a paciência, o acolhimento (cf. *Ev*, 165).

Um elemento basilar que a evangelização deve considerar é o desenvolvimento humano concebido como um processo integral, bem expresso com a fórmula, muitas vezes usada pelo Papa Francisco, «no mundo tudo está relacionado», aquele paradigma da ecologia integral (cf. *Laudato si'*, 137-142).

Portanto, o processo de evangelização da Igreja na Amazônia não pode prescindir da promoção e do cuidado do território (natureza) e dos seus povos (culturas). Para alcançar esta finalidade será necessário articular os saberes ancestrais com os conhecimentos contemporâneos (cf. *Ls*, 143-146), com referência particular ao uso sustentável do território e ao desenvolvimento coerente com os valores e as culturas das populações.

Os auspícios novos caminhos de evangelização da Igreja na Amazônia não se podem reger se não tiverem um olhar eclesial contemplativo da criação e da prática sacramental. Com efeito, «os sacramentos constituem um modo privilegiado em que a natureza é assumida por Deus e transformada em mediação da vida sobrenatural. Através do culto, somos convidados a abraçar o mundo num plano diferente» (*Ls*, 235).

Como afirma o documento preparatório, a celebração do batismo realça a importância da «água» como fonte de vida e de purificação, facilitando a in-

culturação de ritos e tradições do território.

De igual modo a Eucaristia, segundo o mesmo documento, nos reconduz ao «centro vital do universo, o centro transbordante de amor e de vida inextinguíveis do Filho encarnado, presente sob as aparências do pão e do vinho, fruto da terra e do trabalho dos homens» (cf. *Ls*, 236). Na Eucaristia a comunidade celebra um amor cósmico, no qual os seres humanos, ao lado do Filho de Deus encarnado e de toda a criação, dão graças a Deus pela vida nova em Cristo ressuscitado (cf. *ibidem*). Por conseguinte, a Eucaristia, enquanto constitui a comunidade peregrina e festiva, torna-se fonte de luz e de motivação para as nossas preocupações pelo meio ambiente, e orienta-nos a ser guardas de toda a criação» (cf. *ibidem*).

No final da segunda parte, o documento fala da dimensão eclesial e missionária. A este propósito afirma que numa Igreja "em saída" (cf. *Ev*, 46), «missionária por sua natureza» (*Ad gentes*, 2, *Documento de Aparecida* 347), todos os batizados têm a responsabilidade de ser discípulos missionários, participando na vida eclesial com diversas modalidades nos diferentes âmbitos.

A tomada de consciência da dimensão missionária faz com que o anúncio implique a afirmação dos princípios morais também na ordem social e exige o respeito dos direitos fundamentais da



pessoa e a prática da justiça a favor dos pobres.

Relevante é o sentido religioso dos povos da Amazônia como expressão do *sensus fidei*. A tal ponto que o próprio Papa Francisco quis referir-se a isto com as seguintes palavras em Puerto Maldonado: «Quis vir visitar-vos e escutar-vos, para estarmos juntos no coração da Igreja, solidarizarmo-nos com os vossos desafios e, convosco, reafirmarmos uma opção sincera em prol da defesa da vida, defesa da terra e defesa das culturas».

A Igreja, como nos recorda o Papa Francisco, deve ser uma Igreja "em saída" (cf. *Ev*, 46), na qual todos os batizados têm a responsabilidade de ser discípulos missionários, participando na vida da mesma, de modo diverso e em vários âmbitos. Neste sentido, uma perspectiva missionária na Amazônia

exige como nunca um magistério eclesial exercido à escuta do Espírito Santo que age em todo o povo de Deus, e garante a unidade e a diversidade dos fiéis.

Esta unidade na diversidade, segundo a tradição da Igreja, pressupõe o *sensus fidei* do povo de Deus. Assim, o Papa Francisco retomou este aspeto enfatizado pelo Concílio Vaticano II (cf. *Lumen gentium*, 12; *Dei verbum*, 10), com as seguintes palavras: «Em todos os batizados, desde o primeiro ao último, atua a força santificadora do Espírito que impele a evangelizar. O povo de Deus é santo em virtude desta unção, que o torna infalível "in credendo", ou seja, ao crer, não pode enganar-se [...] Deus dotou a totalidade dos fiéis com um instinto da fé — o *sensus fidei* — que os ajuda a discernir o que vem realmente de Deus» (*Ev*, 119).

O sentido religioso na Amazônia, como expressão do *sensus fidei*, precisa do acompanhamento e da presença dos pastores (cf. *Evangelii nuntiandi*, 48). Nesta escuta recíproca entre o Papa (e as autoridades eclesiais) e os habitantes do povo amazônico, alimenta-se e fortalece-se o *sensus fidei* do povo e cresce o seu ser eclesial: «Precisamos de nos exercitar na arte de escutar, que é mais do que ouvir» (*Ev*, 171).

A terceira parte do documento refere-se ao "agir". Ou seja, trata-se de encontrar novos caminhos pastorais para uma Igreja com um rosto amazônico, com dimensão profética em busca de ministérios e linhas de ação mais adequadas num contexto de ecologia diversa integral.

É o Papa Francisco quem nos indica o caminho para compreender a expressão "rosto amazônico". Com efeito, em Puerto Maldonado ele afirma: «Nós, que não habitamos nestas terras, precisamos da vossa sabedoria e dos vossos conhecimentos para podermos penetrar — sem o destruir — no tesouro que encerra esta região, ouvindo ressoar as palavras do Senhor a Moisés: "Tira as tuas sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é uma terra santa" (*Êx* 3, 5)».

O que foi expresso encontra-se também no documento preparatório que afirma: «A Assembleia Especial para a Região Amazônica é chamada a crescer novos caminhos para fazer crescer o rosto amazônico da Igreja e também para responder às situações de injustiça da região» (n. 12).

Por isso, uma pastoral da Amazônia renovada requer a necessidade de «re-lançar a obra da Igreja» (*Documento de Aparecida*, 11) no território e de aprofundar o «processo de inculturação» (*Ev*, 126), com propostas concretas e eficazes.

Nos últimos decénios, também graças ao grande impulso dado pelo Documento de Aparecida, a Igreja na Amazônia tomou consciência da necessidade de «uma maior presença eclesial, a fim de poder responder a tudo o que é específico desta região a partir dos valores do Evangelho, tendo consciência, entre outras coisas, da imensa extensão geográfica, muitas vezes de difícil acesso, da grande diversidade cultural e da forte influência exercida através dos interesses nacionais e internacionais em busca de um enriquecimento económico fácil pelos recursos desta região. Uma missão encarnada exige repensar a presença escassa da Igreja em relação à imensidão do território e da sua variedade cultural» (*Documento preparatório*, 14).

Com efeito, a fim de intervir sobre a presença precária da Igreja e transformá-la numa presença mais incisiva e encarnada, há necessidade de estabelecer uma hierarquia das urgências na Amazônia.

Uma prioridade consiste em esclarecer os conteúdos, os métodos e as atitudes de uma pastoral inculturada. Outra prioridade é propor ministérios e serviços para os diversos agentes pastorais, que correspondam às tarefas e às responsabilidades da comunidade (cf. *ibidem*, 14).

Como disse o Papa Francisco, a tarefa da nova evangelização das culturas tradicionais que habitam na região amazônica e noutros territórios, requer que se empreste aos pobres «a nossa voz nas suas causas, mas também a ser seus amigos, a escutá-los, a compreendê-los e a acolher a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar através deles» (*Ev*, 198). Por conseguinte, uma escuta atenta destas vozes amazônicas e da sabedoria que elas expressam deverá marcar o rumo das prioridades para os novos caminhos da Igreja na Amazônia.

Deste modo, a Igreja na Amazônia prepara-se segundo uma «cultura do encontro» (*Ev*, 20), para celebrar a assembleia especial do Sínodo dos bispos em outubro de 2019.

*Cardenal secretário do Sínodo dos bispos



*Cardenal presidente da Rede eclesial pan-amazônica

O colóquio de 16 de março entre o Papa e os estudantes dos colégios eclesiásticos romanos

Pais e irmãos não funcionários do sagrado

«Perguntei ao Cardeal Prefeito se vós sois católicos... Não digo qual foi a sua resposta! Sim, disse que sim. Mas há que melhorar sempre. Obrigado! Obrigado por esta visita, por este encontro». Começou assim, com uma brincadeira do Papa Francisco o diálogo com mais de dois mil seminaristas e sacerdotes dos colégios eclesiásticos romanos, acompanhados pelo Cardeal Beniamino Stella, prefeito da Congregação para o clero, que teve lugar a 16 de março passado na sala Paulo VI. Publicamos na íntegra o texto daquele colóquio.

[Louis] Santo Padre, chamo-me Louis, sou um seminarista francês e, em nome de todos os que estão aqui e provêm da Europa, gostaria de lhe fazer uma pergunta. Estamos convictos de que a vida de discipulado e missionária é o fundamento da configuração a Cristo servo e pastor; como perseverar no caminho do discipulado, sem jamais separar o ministério presbiteral de uma humilde atitude pastoral e fraterna? Obrigado!

Discípulos, missionários e também frateros, não é verdade? Pois ninguém caminho sozinho. Há pessoas que caminham sós, mas o discípulo missionário não pode caminhar sozinho. E direi algumas palavras-chave que talvez vos ajudem a pensar. A primeira: *a caminho*. O missionário está a caminho. Se és presbítero, não podes ser um sacerdote “quieto”, um padre de sacristia, de escritório paroquial, um sacerdote que escreveu na porta: “Recebe-se à segunda, quarta e sexta-feira, de tal hora a tal hora” e “Confessa-se em tal dia, de tal hora a tal hora”: pecai antes, porque depois não se confessa. [riem]. Não se pode! Tu estás a caminho. E vem-me à mente um bom sacerdote, bom, que era pároco num bairro de lata. E certo dia, quando fui visitá-lo, ele disse-me: “Há dias em que gostaria de cobrir as janelas e a porta com cimento armado, porque ‘toc toc’, ‘toc toc’, ‘Padre’, ‘toc toc’, um atrás do outro”. E o dia é a caminho, sempre a caminho, à espera dos telefonemas, cumprindo o serviço... a caminho.

E ao longo do caminho há surpresas; é necessário descobrir as surpresas; por isso, “a caminho” significa também “à escuta”. Tu és missionário, mas também discípulo, e o discipulado leva-te à escuta. A escuta do Senhor. Sim, no seminário é fácil porque, segundo o horário, de tal hora a tal hora, a oração; de tal hora a tal hora, a escuta do Senhor; de tal hora a tal hora, o estudo... Mas assim não funciona! A vida inteira deve ser à escuta, pelo menos *aberta* à escuta. E se tu não entendes, se não compreendes o que ouves, faz aquilo que fez Samuel: vai [Eli, o idoso sacerdote]. “Que significa esta voz?” – “Tu diz: fala, que o teu servo te ouve”. Sempre à escuta. Escuta não apenas das palavras, não só daquilo que diz o povo de Deus, não somente das necessidades da humanidade, dos problemas, mas também

escuta na oração. “O senhor sabe, Padre, que Deus não fala, parece que a Palavra se apagou, como no tempo de Samuel...”. Não, a Palavra não se apagou! Tu apagaste o zelo, mudaste um pouco de registo e só aprendeste a ouvir determinadas coisas. Não me digas que és surdo, não! Todos nós ouvimos. Mas onde está o teu registo de escuta? É uma pergunta que deves formular: “Onde está o teu registo de escuta? O que escuto com mais facilidade?”.

Homens a caminho, homens à escuta. E, quer a caminho, quer à escuta, nunca sozinhos. Três situações: a caminho, à escuta e *em fraternidade, em companhia*. “Mas isto é fácil!”. Não é fácil. Agora é fácil, porque estais todos reunidos, todos num colégio com muitos sacerdotes ao vosso serviço que vos ajudam; mas quando estiverdes numa paróquia, quando estiverdes numa universidade para ensinar, não será fácil, porque a comodidade, a mundanidade vos levarão a não estar a caminho. Porque estar a caminho é cansativo. “Sim, mas trata-se de um caminho curto, breve, até aqui...”, e assim a vida começa a diminuir. Levar-te-á a ouvir



somente aquilo que quiseres escutar, como aqueles surdos que não ouvem certas coisas, mas escutam outras, não é? Surdos por escolha. Mas ninguém dirá: “Quero ser surdo somente para não ouvir”, não! Ninguém o diz. Mas se não fores vigilante, a vida levar-te-á a isto; levar-te-á a isto. E depois, “sozinho”. “Sim, vou com os amigos sacerdotes...”. Mas és capaz de falar com os teus amigos presbíteros sobre os problemas que tens na paróquia, na diocese, na tua comunidade, com Deus? Muitas vezes nós partilhámos com os amigos as coisas divertidas, e isto é bom. Apenas [mencionamos] algum problema que houve... mas depois, se não levarmos a sério esta partilha, a partilha da vida como ela é, acabaremos na bisbilhotice, a qual é um pouco como o ar que faz mal... Então estaremos acompanhados, mas mal acompanhados.

Por isso, à tua pergunta, responderei: sempre *a caminho*. Mas discernes o caminho: que seja a vereda cer-

ta. Sempre *à escuta*, e pede a graça de discernir aquilo que sentes, para encontrar a vontade de Deus; também para te corrigires, quando houver situações desagradáveis, algo que não funciona. E *nunca sozinho*: sempre acompanhados. E há a fraternidade – vi que outra das perguntas se refere a este tema – há a fraternidade com os amigos, com os sacerdotes mais próximos; mas existe outra fraternidade, que vós deves preservar: a fraternidade para com o sacerdote, ou com o monge, ou com o leigo, com aquele que Deus colocar perto de ti, no acompanhamento espiritual. Pois a direção espiritual é um carisma laical, não é? Não é necessariamente presbiteral, é laical. Também presbiteral, mas enquanto laical. E é preciso ter a coragem de contar com uma pessoa que te acompanhe: na tua vida interior, na tua vida de fidelidade e de infidelidade. “Sim, Padre, confesso-me sempre”. Não, uma coisa é o confessor: onde fores, diz os teus pecados, ele perdoa-te e acaba ali. E outra coisa é quem te *acompanha*: são duas situações diferentes. E é melhor que não seja a mesma pessoa. Um é o con-

tazo” [da meia-idade]; e quando chegarem muitas outras dificuldades, todas derivadas do pecado original e da tentação do diabo. A propósito do diabo, recentemente aproximou-se de mim um sacerdote que lera algo que eu escrevi sobre a vida espiritual, não me recordo do que se tratava, e disse-me: “Esteja atento, porque aquela vez o senhor mencionou o diabo, e ele vingará-se-á! É melhor não mencionar o diabo, fazer de conta que não existe”. Não, o diabo existe! E o diabo – como diz Pedro – faz a ronda, como “*leo rugens*” [leão que ruge]. Estou convicto de que se agora eu vos fizer uma pergunta, levantareis a mão: “Acreditais em Deus?” – “sim” – “acreditais em Deus Pai?” – “sim”, todos – “e em Deus Filho?” – “sim” – “e em Deus Espírito Santo?” – “sim” – “e no diabo?” – “mas... depende... é um mito, não é muito claro...”. [riem]. Ou então, com palavras direis: “Sim, sim, acreditamos!”, mas depois, tendes o ‘faro’ para o descobrir, quando se aproxima? E isto faz-se com o discernimento e com o acompanhamento espiritual. Mas não me quero deter muito neste assunto. Acho que respondi à tua pergunta, mais ou menos. Obrigado!

[Nebil] Bom dia, querido Santo Padre. Chamo-me Nebil, sou seminarista e venho da África, do Sudão. Estou aqui para representar aqueles que provêm do continente africano. A “*Ratio fundamentalis*” convida-nos sempre ao discernimento da nossa vocação, inclusive depois da ordenação presbiteral. Na sua experiência, como viveu este discernimento contínuo? O que aconselha para discernir bem, para este discernimento ao longo de todo o percurso da nossa vida? Obrigado!

Sou eu que te agradeço. Disseste: “Querido Santo Padre”. Obrigado, querido filho! As más-linguas dizem que “hoje o discernimento está na moda: este Papa veio aqui com esta história... Que tem ele a ver com isto?”. Mas o discernimento está no Evangelho! precisamente no Evangelho e em toda a história da Igreja: é uma história de discernimento; e a história das almas é uma história de discernimento. *Discernir*, como a *Ratio fundamentalis* insiste muito. Saber entender na vida: isto sim, isso não; aquilo vem de Deus, isto vem de mim, isso vem do diabo. Isto é elementar: trata-se de uma linguagem fundamental para a vida de cada cristão, ainda mais de um sacerdote. Discernir! Mas existem duas condições para que o discernimento seja certo e verdadeiro. Primeiro, que se faça *em oração*, isto é, perante Deus, na presença do Senhor. Saber entender bem aquilo que acontece no meu coração, na minha alma. “Devo fazer isto... mas isso não me deixa tranquilo...; está bem... porque?” – na oração. E segundo, é preciso *confrontar-se*, ter alguém com quem se confrontar sobre aquilo que levo em frente; uma testemunha: uma testemunha próxima, que não fala mas ouve e depois dá



Jorge O. Cocco, «O bom pastor»

as orientações. Não te resolve [o problema], mas diz-te: considera isto, isso, aquilo... esta não parece ser uma boa inspiração, por este motivo, aquela sim... Mas vai em frente e decide tu! Contudo ajuda-te, e é importante contar com ele desde o início. Esta foi a experiência que eu tive. Descobri o desejo do discernimento quando estudava filosofia. Frequentei dois anos de noviciado – sem discernimento [riem, ri] – sim, bem, rezava-se; eu ia ter com o padre espiritual, com o padre mestre e dizia: “Senti isto...”. E ele esclarecia-me as situações à maneira, digamos assim, daquela época... Refiro-me ao ano de 1958, e recentemente fiz 60 anos de noviciado. Mas quando cheguei à filosofia, depois de um ano de humanismo, ali havia um professor de metafísica, um jesuíta muito bom, padre Fiorito, que era também o decano de filosofia. Era um “adepto” da espiritualidade inaciana e um especialista, um especialista não apenas teórico, mas prático do discernimento. E ali ensinou-nos muito. E na teologia fiz com ele o mês de Exercícios espirituais; aquele homem ajudou-me muito a discernir. Além disso, quando eu estava para concluir o cargo de provincial, repeti o mês a fim de me preparar para assumir outra função; e foi ali que aprendi o discernimento. Comecei na filosofia, porque encontrei aquele homem que possuía este carisma. Era um filósofo, que obtivera a licenciatura, e fizera a tese de doutoramento sobre a vontade de Deus em S. Tomás; depois ensinou metafísica e em seguida foi decano e padre espiritual; foi o meu padre espiritual até ao fim, quando faleceu. Esta foi a minha experiência: ajudou-me sempre. Mas eu nem sempre a descrevia. Com o passar do tempo, quando fazes o discernimento, torna-se natural fazê-lo: “Isto é mau, é mau mas agrada-me”, e vou em frente. Mas tu sabes que vais em frente com algo negativo. Isto aconteceu comigo. Contudo, dizes a verdade diante de Deus. É preciso conhecer as situações: “Esta é uma porta aberta, acho que devo avançar e ver o que o Senhor me diz...”. Então começo a percorrer esta senda. E o discernimento é um pouco assim, leva consigo a vida. Mas é bom ter sempre uma testemunha, alguém com quem se confrontar no meu êxito, numa situação, noutra e noutra ainda... O discernimento é importante. Quando não há discernimento – presta atenção a isto! – quando na vida sacerdotal não existe discernimento – porque o ideal, quando o sacerdote é maduro, é o discernimento feito quase com naturalidade, que deriva da prática constante, que

vem sozinho, e depois vem o confronto, mas vai sempre em frente – mas quando não existe discernimento, há rigidez e casuística. Quando na vida não és capaz de progredir com aquilo que te acontece ou com as coisas que ocorrem fora e não as consegues julgar, serás rígido ou cairás na casuística, na lógica do “isto pode-se, isto não se pode”. E tudo permanece fechado. O Espírito Santo não trabalha! Pois Aquele que te ajuda no discernimento é o Espírito Santo, mas nós temos medo do Espírito Santo... Ou então muitas vezes não o inserimos na nossa vida, como companheiro de caminho. É precisamente Ele que realiza a nossa santidade; é exatamente Ele que nos impede rumo à missionariedade; é precisamente Ele que prepara a nossa alma para a escuta. E é exatamente Ele que cria em nós a emoção espiritual que nós mesmos devemos discernir. O Espírito Santo... Temos medo do Espírito Santo; sentimos sempre a tentação de o engaiolar, quer em gestos, quer em doutrinas, mas que não se mova demasiado. Mas na Igreja é Ele que se move. Discernir o Espírito: onde está o Espírito... Por exemplo, que fez Pedro quando foi visitar Cornélio (cf. At cap. 10)? Viu que ali o Espírito agia e entendeu, fez o discernimento espontâneo: “Este é o Espírito de Deus, e se o Espírito desceu, eu batizo”. Ponto! Toma a decisão num clima de discernimento. Que faz Filipe, quando o Espírito o envia àquela encruzilhada de estradas, por onde passava o ministro da economia da rainha (cf. At 8, 26-40)? Vai, escuta, ouve que ele lê Isaías e começa a conversa; e o outro diz-lhe que não entende nada disto; explica-lhe, mas sente que é o Espírito que o leva e, no final, o Espírito age no coração do ministro da economia: vê a água e pede o batismo... Não é fácil converter um ministro da economia! [riem]. Mas o Espírito Santo conseguiu fazê-lo. E como reagiu Filipe? Não disse: “Mas... eu não trouxe o livro de batismos... não trouxe o óleo para te batizar...”. Não! Dá ouvidos ao Espírito, vai e batiza-o; senão, o Espírito pega nele pelos cabelos e leva-o para outra parte. [riem]. Por que digo isto? Porque quando vives no Espírito, sais e libertas-te do “pode-se, não se pode”. Isto não quer dizer que podes fazer qualquer coisa, não! Mas sais da prisão da casuística, sais da prisão da rigidez. É outra linguagem, mas trata-se de uma linguagem mais difícil: é um modo de agir mais difícil, porque ali te envolve de uma maneira diferente. Não deixas que os livros digam isto ou aquilo. Mas para isto é necessário ter familiaridade com o

Espírito Santo. Quando os Apóstolos, no primeiro Concílio de Jerusalém, devem decidir como agir com aqueles que provêm do paganismo, como começam a escrever a carta? “Pareceu-nos, ao Espírito e a nós...”. Realizaram o Concílio e deram a resposta no Espírito. Mas vós, na vida, devereis caminhar sempre no Espírito: no Espírito e na verdade. Com o Espírito Santo que, como Paulo nos narra quando foi àquela cidade [Éfeso] – não me recordo qual – que “nem sequer sabiam que existia um Espírito Santo” (cf. At 19, 1-7). E muitíssimos sacerdotes – digo-o com espírito positivo, com ternura e com amor – tantos sacerdotes vivem bem, na graça de Deus, mas como se o Espírito não existisse. Sim, sabem que existe um Espírito Santo, mas não faz parte da vida deles. Esta é a importância do discernimento: entender o que o Espírito faz em mim, mas também como age o espírito inimigo e o que faz o meu espírito. São três, o diálogo é a três, o discernimento é a três, não a dois. Há o tentador, aquele que traz a tentação, e há também o meu temperamento, os meus hábitos, porque o homem não é corpo e alma: é corpo, alma e espírito. Aqui há tudo!

Não sei se aqui escrevi algo sobre o discernimento... [consulta os seus apontamentos]. Sim, o discernimento, aquele que te confere um estilo espiritual... “Mas como é bom aquele sacerdote, é muito espiritual!” – “Por que o diz?” – “Mas é sempre assim...”. Não, a bondade está sempre na benevolência interior unida ao diálogo com o Espírito. Com o Espírito! Como é bom aquele sacerdote: sim, é bom porque dá ouvidos a todos, ouve Deus, caminha sempre, mantém sempre o coração aberto, ama, reza... aquele presbítero é bom! E é feliz. Há um amigo do Espírito Santo – isto parece ser uma blasfêmia, mas não é; trata-se de uma minha reflexão – quando há o Espírito Santo, ele semeia sempre a alegria e também o sentido de humor. E para compreender se uma pessoa alcançou uma grande maturidade espiritual, questionemo-nos: “Ela tem sentido de humor?”. De um sacerdote que morava aqui em Roma, e depois voltou para o Líbano, onde faleceu – um homem com fama de santidade, faleceu idoso – dizia-se daquele homem: “ri de tudo: ri dos outros, ri de si mesmo e até da própria sombra”. Sentido de humor! E para mim o sentido de humor é a atitude humana – é humano! – mais próxima da graça. É aquele “relativismo” bom, o relativismo da alegria, o relativismo da espiritualidade, aquele relativismo que nasce do Espírito Santo!

Os jovens – todos vós sois jovens – os jovens narcisistas fitam-se no espelho, penteiam-se... Às vezes – aconselho-vos – olhai para o espelho e ride de vós mesmos. Ride de vós mesmos. Far-vos-á bem! [riem, aplausos].

[Jorge Moreno] Bom dia, Santo Padre. Sou Jorge Moreno, sacerdote mexicano, e com grande honra represento os meus irmãos presbíteros e seminaristas da América Latina. Então, formulo a

pergunta: o Senhor Jesus chamou-nos com tudo o que somos, para uma formação integral, ou seja, humana, espiritual, intelectual e pastoral. A seu ver, quais são os meios fundamentais para salvaguardar o equilíbrio integral ao longo do percurso do ministério presbiteral? Obrigado!

Obrigado! Acho que a esta pergunta já respondi quando falei sobre ouvir, pôr-se a caminho, estar em comunidade, ter um guia espiritual, a oração... Um sujeito integral. Aqui só sublinhei a formação humana como parte integrante da totalidade. Existem sacerdotes bons, que amam Jesus Cristo, mas têm falta de desenvolvimento da personalidade, falta de educação. Encontras um presbítero assim, por exemplo um sacerdote triste mas que humanamente é incapaz de chorar; ou que é incapaz – quem me transmitiu este critério foi um sacerdote, quando eu era estudante – que é incapaz de brincar com as crianças. Ele disse-me para considerar isto: “Você brinca com os seus sobrinhos?” – “Sim!” – “Está bem!”. Este é um critério de maturidade, de integridade. Quando encontra alguém que não é capaz de fazer isto, que é incapaz de se alegrar e ou de passar tempo com outros sacerdotes amigos, ali falta algo: falta a formação humana, sobre a qual não falei. Tudo aquilo que eu disse sobre a parte espiritual é válido também aqui; mas inclusive a parte humana, a humanidade do sacerdote, o humanismo sacerdotal. Muitos presbíteros sofrem porque não são capazes de expressar o que têm dentro de si; ficaram bloqueados, eliminaram da própria personalidade aspectos muito positivos, grandes capacidades, e nisto não cresceram.

A formação humana: dela fazem parte a capacidade social, de sociabilidade, a capacidade de respeitar os outros, até aqueles que pensam de outro modo, a capacidade de se alegrar com os amigos, de jogar uma boa partida de futebol... destas coisas das quais [alguns pensam] “não, o sacerdote não pode...”. Tantas capacidades humanas que não se desenvolvem... Sobretudo a capacidade humana de se inserir educativa e harmoniosamente no contexto social. Por isso, eu disse que alguns são “educados mal”, neste sentido. Que não sabem inserir-se. E a capacidade humana de rejubilar: para mim isto é muito importante. Já falei antes sobre isto, mas retomo o assunto agora. A capacidade de se alegrar, de rejubilar por ser sacerdote, de se alegrar com os amigos presbíteros, com os fiéis, mas de rejubilar saudavelmente, de dar algumas gargalhadas, coisas boas... É verdade que alguns lugares, em certos momentos, digamos também a capacidade humana de se inserir socialmente não foi ajudada na formação. Quando te dizem que te deves comportar assim, rigidamente, isto faz mal à capacidade humana da espontaneidade. É verdade que a espontaneidade te pode levar a alguma situação desagradável, mas este é um perigo que deves discernir, defen-

Pais e irmãos não funcionários do sagrado

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 11

dendo-te contra isto. Contudo, uma pessoa normal – digo normal, humana – que vai visitar um doente, que o escuta e pega na sua mão, em silêncio: isto é humano. Mas quem nada entende do humano vai visitar o doente e [diz:] “Estes sofrimentos são os padecimentos de Cristo e através deles você redime o mundo com Cristo, vá em frente...”, e o pobre enfermo, sem nada compreender, permanece mais só do que antes, pois pelo menos antes pensava: “Quando vier o sacerdote, pelo menos me dará alguma consolação”. A capacidade humana de perder tempo com os enfermos, ouvindo. A capacidade humana de acariciar bem... Ouvi bem isto: se não souberdes acariciar bem, como pais e irmãos, é possível que o diabo vos faça pagar para acariciar. Estai atentos! A capacidade humana de ser *pais*. Não se brinca com isto: ou és pai, ou és padrastró. A capacidade de ser pai é capacidade de fecundidade, é capacidade de dar vida ao próximo. A formação integral deve pensar em formar para a *fecundidade*. Não vos digo algo de novo, mas vós conheceis numerosos sacerdotes que não são pais, são “funcionários do sagrado”, como disse o Cardeal, são empregados de Deus – bons, cumprem a sua

[Luigi] Santo Padre, bom dia. Chamo-me Luigi, venho dos Estados Unidos e sou diácono: se Deus quiser, serei ordenado sacerdote na festa de São Filipe Neri, presbítero cheio de alegria. A “*Ratio fundamentalis*” revaloriza a espiritualidade do sacerdote diocesano como um caminho místico de identificação com Cristo e de humilde serviço ao povo de Deus. Gostaríamos de saber, Santidade, quais são os traços fundamentais da espiritualidade do sacerdote diocesano e como os pôr em prática no meio do trabalho pastoral diário.

Obrigado. Digo isto: é mais fácil para um religioso conhecer a própria espiritualidade, porque tem o fundador e percebe muito bem a sua espiritualidade; mas para o diocesano não é tão fácil descobri-la, e já ouvi alguém dizer: “Não, pertenço à ordem que São Pedro fundou”, diocesano, não é? [risos]. Mas ele tem uma espiritualidade. Sintetizo-a numa palavra: a espiritualidade do diocesano é a *diocesanidade*. Com tudo o que esta palavra significa: que não estás sozinho, estás num corpo que é a diocese, tens um pai que é o bispo e és pai de tantos fiéis. A diocesanidade. Caminhando na estrada da diocesanidade, começo a questionar-me sobre as relações da diocesanidade. A espiritualidade do sacerdote diocesano reconhece um pai: o bispo. “mas... é melhor nem falar do

diocesanidade e isto significa ter um pai.

Depois, significa ter irmãos, estar inserido num corpo presbiteral. E como te comportas com o presbitério? Comportas-te bem, a tua pertença ao presbitério é leal, aberta, sincera? Permites dizer tudo o que te vem à mente? Ou aprendeste a praticar a autocensura para não fazer má figura? Aprendeste a fazer de contas ou a olhar para o outro lado? Uma fraternidade assim não está bem! És irmão dos teus irmãos presbíteros e isto deve crescer sempre. Não digo amigo íntimo, não, não é possível, isto não é real. Irmão. “Sim, vou às reuniões”. E quando alguém do qual não gostas se pronuncia, o julgas imediatamente ou tentas ouvir e entender bem o que ele diz? As relações no presbitério: gosto deste, aquele prefiro não o encontrar... Examinai-vos sobre isto. É o vosso carisma! É um presbitério. E quando a reunião acaba, por exemplo, vou embora com dois ou três amigos e começamos a falar contra este e aquele... “Mas olha o que disse aquele parvo, o que disse aquele outro...”. O mexerico é a lepra! É a lepra de um presbitério! As bisbilhotices são a lepra! É uma maneira de dizer “dou-te graças, Senhor, porque não sou como aqueles”, e de se afastar deles.

A relação com o pai, com os irmãos. E depois, o padre diocesano tem filhos: o relacionamento com os teus fiéis, com aqueles da paróquia na qual trabalhas. Como é este relacionamento? O de olhar para o relógio para sair cedo? Não deixar que as pessoas falem? Manter as pessoas à distância? – a distância nociva não a distância boa. Porque o segredo do bom pai espiritual, do bom padre é aproximar-se bem e afastar-se bem. Sabeis que há alguns que se aproximam mal ou se afastam mal. Isto não é bom. O carisma é a diocesanidade e deveis permanecer em relações que estão inseridas na diocesanidade: os relacionamentos com o pai, com os irmãos e com os fiéis. Percorrendo estes três caminhos, se trabalhades, tornar-vos-eis santos. Porque não é fácil manter uma boa relação com o bispo por toda a vida, não é fácil ter um bom relacionamento de fraternidade, de santidade com os irmãos sacerdotes e não é fácil ter uma boa relação com os filhos na paróquia. Não sei se respondi. Diocesanidade: este é o carisma da congregação religiosa que São Pedro fundou! Concordais? [risos, aplausos].

[Michael Aguilar] Bom dia, Santo Padre. Chamo-me Michael Aguilar, sacerdote das Filipinas: venho do continente da Ásia, onde nasceu Jesus, onde nasceu a Igreja. [risos]. Gostaria de lhe formular esta pergunta: nós sacerdotes presentes em Roma encontramos uma oportunidade para a formação permanente. Como cuidar da própria formação durante este período extraordinário, e inclusive face ao futuro? Obrigado!

Agradeço-te. Não entendi bem: Jesus nasceu em Manila? [risos, aplausos].

A formação permanente é muito importante, porque é o acompanhamento da vida. Vejamos primeira-

mente os quatro pilares da formação: formação espiritual, intelectual, apostólica e comunitária no presbitério: quatro. Na vida, estas relações devem amadurecer sempre e serem formadas cada vez mais. Por exemplo, na parte pastoral deve haver novidades pastorais, novas abordagens pastorais, estar atualizados sobre isto; o mesmo na parte intelectual e espiritual: os exercícios anuais, os encontros entre vós e o resto. E a parte comunitária, antes já falei um pouco a propósito do presbitério.

Agora, respondendo à tua pergunta direi algo que devemos compreender melhor. Antes de tudo, a formação permanente nasceu da experiência da própria debilidade; não te dão um certificado de santidade perpétua quando és ordenado: mandam-te trabalhar e que Deus te ajude e os corvos não te comam. Seja claro: estás ciente da tua debilidade? Formulai esta pergunta todos os dias. “Estou consciente da minha debilidade? E quais são os pontos onde sou mais frágil?”. Não é algo tetro, mas a verdade: somos débeis. Estás ciente do teu ponto fraco? É a primeira pergunta que deveis fazer sempre, e se não o encontrares hoje [o teu ponto fraco], será amanhã e se não o encontrares amanhã, será depois de amanhã. E se não encontrares o teu ponto fraco, se não o perceberes, procura alguém que te ajude a encontrá-lo, no diálogo espiritual.

Depois, há outro risco: o de [pensar] “Sim, celebro a Missa, faço isto, é uma paróquia...” – “E como está a paróquia?” – “Ah, está muito bem. estou a fazer isto, aquilo...”. O risco de se tornar empregado do sagrado. Não, tu és sacerdote. Não és empregado do sagrado. Aconteceu a mim certa vez que cheguei um advogado – jovem, 26 anos, mais ou menos – e disse: “Padre, vou casar daqui a 15 dias – estava próximo – e fui procurar as certidões na paróquia onde fui batizado, deram-me imediatamente a certidão de batismo e até me felicitarão, então perguntei: devo pagar? Não, mas se quiser deixar uma oferta, deixe-a ali, contudo não se paga. Mas ontem fui à paróquia na qual devo pedir a autorização para me casar noutra paróquia e disseram-me: Sim, amanhã estará pronta, mas volte com tanto, deve pagar uma boa soma”. Seriam quase o equivalente a 70 dólares. E ele teve a coragem, dado que trabalhava no centro da cidade, de entrar no paço episcopal e perguntar se o bispo estava e se o recebia. Estava desolado e dizia: “Padre, queremos fazer tudo bem feito: não só dar início a uma convivência, mas preparamo-nos bem para o matrimónio... e vou à igreja e fazemos-me isto...” – “Tranquilo, vais amanhã e quando te disserem para pagar diz que vieste ter comigo e eu disse que pago eu”. O sacerdote daquela paróquia era um empregado do sagrado. É um exemplo terrível mas aconteceu, isto acontece! Com o dinheiro e também com as atitudes. Por favor, prestai atenção para não vos tornardes empregados do sagrado.

Depois, a cultura contemporânea. Como me comporto com o meu te-



profissão – mas não são pais, não sabem dar vida, aliás, quantos de nós são solteiros, pois quando os ouvimos pregar ou falar, temos a vontade de perguntar: “Diz-me, o que tomaste hoje no pequeno-almoço? Café com leite, ou vinagre?”. [ricim]. São incapazes de gerar a vida nos outros, não são fecundos.

Isto para responder à questão da integralidade. Eu já tinha falado antes sobre a parte espiritual, mas a parte humana... Interroguem-nos acerca da fecundidade: “É ele um sacerdote fecundo?”. E existem muitos sacerdotes fecundos escondidos. O Senhor deseja que a fecundidade de alguns deles se manifeste. Na Itália existem muitos párocos bons: são padres de um povoado, conhecem a vida de todos e fazem-na crescer. Ao contrário, às vezes não se sabe, mas vê-se no coração, diariamente: quantos padres estão nos confessionários, e também quantos solteiros apavoraram as pessoas: existem ambos. É uma fecundidade, a paternidade sacerdotal. Se algum de vós não deseja tornar-se sacerdote, por favor vá embora, é melhor. Pois ser solteiro faz mal à Igreja. Entendestes? Está bem. [aplausos].

meu!”. Quantas vezes se estabelecem distâncias entre o sacerdote diocesano e o bispo. Compreendem-se algumas distâncias, talvez devido ao temperamento do bispo que não é fácil, mas mesmo que o bispo seja difícil, as distâncias não são justificadas. Podes aproximar-te do teu pai, não para conversar, mas só para lhe fazer sentir que és o teu pai, apenas por isto. E o teu coração permanecerá em paz. Mas se o teu coração não estiver em paz na tua relação com o bispo, algo não está bem em ti. Deixemos de lado o que não nos agrada no bispo: mas pensemos em ti, porque tu és diocesano e à tua diocesanidade falta a relação com o pai. Cada um de vós deve perguntar-se: como é o meu relacionamento com o bispo? “Mas ele é mau, é neurótico...”. Como está o meu relacionamento com o meu pai que é mau e neurótico? O que aconselharíeis a um jovem que vem ter convosco e vos diz que o pai está na prisão? Por exemplo. Ou que o pai maltrata a mãe – o bispo que maltrata a Igreja. Dareis um conselho: “Reza pelo teu pai, aproxima-te dele”, nunca diríeis: “Cancela o teu pai da tua vida”. O carisma do sacerdote diocesano é a

CONTINUA NA PÁGINA 13

Édouard Vuillard
«Grand-mère et enfant au lit bleu» (1899)



Preservar o planeta e proteger os povos

Mensagem papal ao patriarca de Constantinopla

«O cuidado da criação, vista como dom partilhado e não como posse individual, requer sempre o reconhecimento e o respeito dos direitos de cada pessoa e de cada povo»: escreveu o Papa Francisco na mensagem enviada ao patriarca Bartolomeu, por ocasião do simpósio ecológico internacional «Rumo a uma Ática mais verde: Preservar o planeta e proteger os seus habitantes», que decorreu em Atenas e nas Ilhas Saronicas, na Grécia, de 5 a 8 de junho.

No texto em inglês, datado de 28 de maio, depois de ter expressado «profundo apreço por esta nobre iniciativa, que segue uma série de simpósios análogos em diversas partes do mundo», o Pontífice saudou também Jerónimo II, arcebispo de Atenas e de toda a Grécia, e afirmou que conserva uma «viva recordação» da visita que realizaram juntos a Lesbos a 16 de abril de 2016 «para exprimir ali a preocupação comum pelo drama dos migrantes e dos refugiados». A tal propósito confidenciou que enquanto permanecia «encantado pelo cenário do céu azul e do mar» «pensava também que um mar tão bonito se tinha transformado em túmulo de homens, mulheres e crianças, a maioria dos quais tinha apenas desejado fugir das condições desumanas na sua terra natal». Ao mesmo tempo, acrescentou Francisco «pude constatar pessoalmente a generosidade do povo grego, tão ricamente permeado de valores humanos e cristãos, e os seus esforços, não obstante os efeitos

da própria crise económica, para dar conforto a quantos, desprovidos de todos os bens materiais, tinham chegado ao seu litoral». Eis então a convicção de que «as contradições dramáticas» experimentadas durante aquela visita podem ajudar a compreender a importância do tema do simpósio.

«Não desabam apenas as casas das pessoas vulneráveis no mundo como se pode ver no crescente êxodo de migrantes climáticos e refugiados ambientais a nível mundial», esclareceu o Papa, que evocou um dos trechos mais incisivos da encíclica *Laudato si'*, na qual se manifesta a preocupação de que «provavelmente estamos a condenar as gerações futuras a uma casa comum deixada em ruínas». Por isso, exortou, «hoje devemos formular com honestidade» a pergunta sobre qual tipo de mundo «desejamos deixar» a quantos «vierem depois de nós», fazendo «um sério exame de consciência relativo à proteção do planeta confiado aos nossos cuidados».

De resto, segundo Francisco «a crise ecológica que atinge agora a humanidade inteira está radicada também no coração humano, que aspira controlar e explorar os recursos limitados do nosso planeta, ignorando os membros vulneráveis da família humana». Ao contrário, foi a sua denúncia, «não podemos ignorar o mal difundido e penetrante na situação atual». A ponto que, observou, «na nossa mensagem conjunta para o dia mundial de oração pela criação do passado dia 1

de setembro afirmamos que “a chamada e o desafio urgentes para que assumamos o cuidado da criação constituem um convite para toda a humanidade a comprometer-se por um desenvolvimento sustentável e integral”».

E se «o dever de cuidar da criação desafia todas as pessoas de boa vontade», assinala Francisco, sobretudo «exige dos cristãos o reconhecimento das raízes espirituais da crise ecológica e a cooperação em dar uma resposta unívoca». Portanto, o dia mundial de oração pela criação constitui «um passo nesta direção, porque demonstra a nossa preocupação comum e aspiração a trabalhar juntos para enfrentar esta delicada questão».

Por fim, Francisco reiterou a «firme intenção de que a Igreja católica continue a percorrer este longo caminho juntamente com o Patriarcado ecuménico». Com a esperança — concluiu — de que católicos e ortodoxos trabalhem ativamente pelo cuidado da criação e por um desenvolvimento sustentável e integral».

Com os estudantes dos colégios eclesiásticos romanos

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 12

lemável, nas minhas comunicações virtuais? Sabeis bem do que falo: o que procuro ver por curiosidade? E vós o sabeis. Há a cultura contemporânea que entra na minha alma e a contamina. Depois, a atração do poder e das riquezas: é sempre assim. Santo Inácio ensina nos Exercícios que há três degraus, não é? Gosto do dinheiro? Gosto da vaidade? Esta é uma das dificuldades. Enumero algumas das dificuldades

da vida sacerdotal, depois falarei um pouco da formação permanente.

O desafio do celibato. Sobre isto estou preparados porque: «Se tivesse conhecido esta mulher antes de me ordenar». Em espanhol dizemos: *“tarde piaste”*, isto é “percebeste tarde”. Mas sois homens normais, tendes o desejo de estar com uma mulher, para amar. E quando aparece esta possibilidade, como reagis? Sentis o desejo de gerar filhos? Não só espirituais, mas outros? Isto é algo que temos na nossa natureza e que nos foi dado por Deus. E depois, a comodidade no próprio ministério: “mas, se é mais cómodo não o faças

com muito esforço...”. Estas situações que enumeirei, agora que estais a estudar, são fáceis de resolver, mas na vida estareis mais sozinhos e encontrareis estas realidades. Umamás, outras boas; mas estarão presentes. E por isso a formação permanente deve ser sempre importante. Não só para resolver as tentações mas também para estar na atualidade, no desenvolvimento da pastoral, da teologia, da vida da Igreja. Mas por favor ide sempre aos cursos espirituais da diocese, aos cursos de atualização e, se pensardes que é necessário, depois de alguns anos, pedi ao bispo para fazer um ou dois me-

ses de formação; mas sempre, devido a todas essas coisas que acontecem.

É quase hora. Temos que concluir. Antes porém, farei um pouco de publicidade. [risos].

Há dois livros que vos ajudarão. O primeiro é uma Carta pastoral que o bispo de Albano escreveu recentemente: *“Custodiamo il nostro desiderio”*, falando do desejo sacerdotal, do modo como conservar o desejo. É uma jóia, recomendo-o, é bom. Procurai, é preciso lê-lo. Talvez o encontréis na internet, lede-o porque ajudará a conservar o desejo interior, o desejo de Deus, o desejo do apostolado, o desejo bom que nos dá. Então, recomendo este livro: é muito bom.

E outro que saiu há duas semanas: *“Io cose che Papa Francesco propone ai sacerdoti”*. [risos]. São simples. E pode ser um vade-mécum: é pequenino, lê-se bem mas é necessário relê-lo para não o esquecer.

Agradeço-vos esta reunião: gosto muito de me encontrar convosco; é uma das coisas que nos faz bem sempre, encontrarmo-nos para nos ajudarmos a ir em frente na comunicação da fé comum. Assim Paulo justifica a Carta aos Romanos, cap. 1, versículo 12: comunicar a própria fé para ir em frente.

Rezai por mim. Rezai uns pelos outros. Rezai pelos vossos superiores. Rezai pelo vosso bispo. Que o Senhor vos abençoe.

Convido-vos a recitar o *Angelus*: *Angelus Domini...*

[Bênção].
Bom almoço!

Audiência ao presidente do conselho de ministros da Polónia

A 4 de junho, o Papa Francisco recebeu em audiência Mateusz Morawiecki, primeiro-ministro da República da Polónia, o qual sucessivamente se encontrou com o cardeal Pietro Parolin, secretário de Estado, acompanhado pelo arcebispo Paul Richard Gallagher, secretário para as Relações com os Estados.

Durante os colóquios cordiais, foram evidenciadas as boas relações bilaterais existentes entre a Santa Sé e a Polónia, e a colaboração profícua entre a Igreja e o Estado nos respetivos âmbitos de ação. Foram tratados temas de interesse comum como as políticas familiares e a salvaguarda da criação, na perspectiva da conferência das Nações Unidas sobre as mudanças climáticas em Katowice em dezembro de 2018, e também alguns pontos de caráter ético.

Por fim, apresentaram questões acerca da situação europeia e internacional, com particular referência ao acolhimento dos refugiados e ao compromisso do governo polaco a favor dos refugiados da Ucrânia e do Médio Oriente.



O terço de Juan

GIOVANNI MARIA VIAN

Nas casas dos mexicanos costumava-se pendurar nas paredes «um Sagrado Coração, um retrato do Papa Paulo e outro de John F. Kennedy, o irmão de Robert». Quem o recordou, num longo artigo de Víctor Fernández publicado em «La Razón» do passado dia 3 de junho, foi Juan Romero, o empregado de mesa de dezassete anos que na noite de 5 de junho segurou a cabeça de Rober Kennedy ferido mortalmente «porque não queria que tocasse o chão de cimento que estava sujo. Olhava à direita até se virar em minha direção. Dei-me conta de que movia os lábios, procurando dizer algo. “Estão todos bem?” perguntou-me. Disse-lhe que sim. “Então vai correr tudo bem” respondeu-me». E Juan colocou-lhe nas mãos o rosário que trazia sempre no bolso «para que Deus me ajudasse». Poucas horas mais tarde o senador falecia. «Bobby – escreveu, a 22 de junho, Thomas Merton à viúva Ethel que hoje tem noventa anos – representava a verdadeira e real esperança de todo o país e do mundo. Era o único que, sem dúvida, tinha a oportunidade de fazer algo concreto pela paz». A distância de meio século daquela trágica noite de 6 de junho, a filha Kerry ao falar ao diário «Corriere della Sera» demonstra ter uma memória límpida: «Quando via algo que não estava bem, meu pai sentia-se moralmente obrigado a intervir, e nunca hesitava». E acrescenta que num país dividido «se dedicou a solucionar as divergências»; e fê-lo «retomando os valores fundamentais da América: liberdade, justiça e sacrifício pelo bem comum. Hoje, a sua mensagem ressoa talvez ainda mais importante e urgente». O testemunho de Robert Francis Kennedy, está vivo e cuja memória deve por este motivo ser eficaz.

Fim do silêncio

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 1

voluções do século XX – a possibilidade de falar de sexo e de denunciar os abusos sem levantar suspeitas sobre si, revelando a trama de poder subjacente – abriram o caminho à nova sensibilidade em relação aos abusos sexuais, que hoje condenamos com severidade, ouvindo as palavras das vítimas. Trata-se de uma revolução recém-iniciada, cujos efeitos só recentemente se fazem sentir e cujas consequências ainda não somos capazes de prever. Uma já em curso é que agora as instituições já não podem dar garantias aos acusados: cada um deve responder por si mesmo, num clima em que a busca da verdade cancelou a antiga tentação de es-



O terço colocado nas mãos do senador moribundo pelo empregado de mesa mexicano Juan Romero

A herança ideal dos irmãos Kennedy

Aqueles dias vistos do Vaticano

GABRIELE NICOLÒ

Com a voz abalada pela comição Paulo VI, durante a audiência geral de 5 de junho de 1968, exprimia, inicialmente em inglês e depois em italiano, o seu profundo pesar após ter recebido a notícia do atentado contra o senador americano Robert Kennedy, ocorrido no dia anterior. O Pontífice deplorava esta «nova manifestação de violência e de terror» da qual tinha sido vítima um homem jovem «que estava a oferecer a própria pessoa ao serviço público do seu país».

Internado em estado gravíssimo no hospital do Bom Samaritano em Los Angeles, o senador faleceu a 6 de junho, com 42 anos. Tinha sido atingido por tiros no momento em que saía do hotel onde anunciara a vitória nas eleições primárias do Estado da Califórnia. À sua cabeceira estavam a esposa, o irmão, as irmãs, os cunhados e um sacerdote.

Naquele triste dia o presidente dos Estados Unidos, Lyndon Johnson, proclamou luto nacional. E ao chefe de Estado americano, Paulo VI enviou uma mensagem de pêsames na qual definia Kennedy «um exce-

lente funcionário estatal» (*outstanding public servant*): o Papa transmitiu outra mensagem através do cardeal McIntyre, arcebispo de Los Angeles, à esposa Ethel, garantindo a ela e aos mais estreitos familiares uma profunda proximidade espiritual num momento tão trágico e doloroso.

No comentário da primeira página, intitulado *As ideias e a violência* publicado na quinta-feira 6, quando ainda se esperava e se rezava a fim de que Robert pudesse sobreviver, «L'Osservatore Romano» definia o atentado um «gesto insensato de quem, com a violência, pensa que pode deter a história em movimento rumo a novas fronteiras. Assim como aconteceu em Dallas há cinco anos. Também o jovem senador – sublinhava-se no comentário – é um símbolo: derrubá-lo não significa destruir a realidade que amadurece».

E na edição de sexta-feira, 7 de junho, quando do além-mar chegou a temida notícia da morte, «L'Osservatore Romano» publicou na primeira página um editorial, assinado pelo diretor Raimondo Manzini e intitulado *Contra qualquer violência*, em que se evidenciava uma tragédia que «parecia incrível», porque se acrescenta ao precedente homicídio «do mais conhecido e audaz dos Kennedy», determinando o destino de uma família «representativa e desventurada, infeliz e heroica». A geração dos Kennedy, sublinhava o editorial, paga o preço de um serviço prestado corajosamente ao país e a um ideal político que, resumindo os problemas e as dilacerações do nosso tempo, pode ser considerado um serviço prestado ao mundo inteiro, indivisível nos seus problemas. E é um ideal ao qual «se opõem fanatismos brutais, até além do respeito pelas leis da civilização».

O editorial concentrava-se também na figura de Ethel que, ajoelhada ao lado do marido para suplicar e para o assistir até ao último respiro, «é quase o símbolo da humanidade que sofre, reza em todos nós, e não só por uma vítima. Por todas as vítimas». Aquela mulher, aquela esposa, aquela mãe, sofre «por causa de todos os lugares onde a sugestão

infame da violência explode e se propaga, até chegar à desprezível degradação de um certo tipo de cultura que se presta a teorizá-la, justificá-la e codificá-la. Até aos limiares da teologia! E isto apesar do assíduo, incessante, incansável magistério de paz de Paulo VI».

Ainda Manzini, num comentário publicado em «L'Osservatore Romano» de 9 de junho, definia John e Robert Kennedy «dois heróis da visão moral do homem e da sociedade, do nosso tempo dramático e transtornado, no qual o ideal político se concentra particularmente na exigência da liberdade porque ameaçada». Ambos tiveram o mérito de fazer sentir que o homem é a verdadeira e única medida da liberdade. E do sacrifício da família Kennedy, evidenciava Manzini, brota um testemunho religioso. Um testemunho que, banindo a deserção e a abdicação, exorta a engajar-se e a servir com dedicação corajosa e forte. Até sacrificando a própria pessoa.

No artigo de Fabrizio Alvesi, publicado em «L'Osservatore della Domenica» de 16 de junho, foi feita uma comparação entre o destino de John e Bob Kennedy e o de Tibério e Caio Graco. Assim como os dois irmãos da antiguidade, também os dois irmãos americanos eram ricos, e como eles não quiseram beneficiar das vantagens desta riqueza, permanecendo no meio dos ricos, mas preferiram estar com os pobres e os deserdados. E por este motivo, um após outro, tanto em Roma como nos Estados Unidos, foram assassinados. «Contudo, diferentemente dos Graco, os Kennedy – escrevia Alvesi – ofereceram algo mais: deixaram uma herança ideal, que se concretiza num modo de pensar, do qual os irmãos Graco não puderam dar testemunho. Os Kennedy renovaram-nos o convite a considerar os bens desta terra como algo instável e insignificante, se não lhes dermos um valor que transcenda a utilidade imediata e se leve ao reino do espírito».

As exéquias foram celebradas na catedral de São Patrício em Nova Iorque, metrópole do Estado que Robert representava no senado. Depois o seu corpo foi sepultado no cemitério nacional de Arlington, em Washington. Quem representou pessoalmente Paulo VI, por ocasião do funeral, foi o cardeal Angelo Dell'Acqua, vigário de Roma. Antes de partir de Fiumicino, dirigindo-se aos jornalistas e aos locutores de rádio, o purpurado recordou os seus vínculos de amizade com o pai do senador Kennedy, ex-embaixador dos Estados Unidos em Londres, e também sublinhou a particularíssima devoção que Robert tinha por Paulo VI.

Uma devoção que se manifestou inclusive no significativo gesto de pôr à disposição do Papa o automóvel pessoal durante todo o período da sua permanência em Nova Iorque por ocasião da visita às Nações Unidas, realizada a 4 de outubro de 1965.

INFORMAÇÕES

Audiências

O Papa Francisco recebeu em audiências particulares:

A 7 de junho

D. Luis Francisco Ladaria Ferrer, Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé; D. Edward Joseph Adams, Núncio Apostólico na Grã-Bretanha; D. Hubertus Mathews Maria van Megen, Núncio Apostólico no Sudão e na Eritreia; e os seguintes Prelados da Conferência Episcopal da Escandinávia, em visita «ad limina Apostolorum»: Cardeal Anders Arborelius, Bispo de Estocolmo (Suécia); D. Czeslaw Kozon, Bispo de Copenhague (Dinamarca); D. Teemu Sippo, Bispo de Helsinque (Finlândia); D. David Bartimej Tencer, Bispo de Reykjavik (Islândia), com o Bispo Emérito D. Peter Bücher; D. Bernt Ivar Eidsvåg, Bispo de Oslo (Noruega) e Administrador Apostólico «ad nutum Sanctae Sedis» da Prelazia de Trondheim (Noruega); e D. Berislav Grgić, Prelado de Tromsø (Noruega).

A 8 de junho

O Senhor Cardeal Fernando Filoni, Prefeito da Congregação para a Evangelização dos Povos; D. Piero Pioppo, Núncio Apostólico na Indonésia; D. Antonio Filipazzi, Núncio Apostólico na Nigéria, Representante Permanente da Santa Sé junto da Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental; e os Cardeais João Braz de Aviz, Prefeito da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, com D. José Rodríguez Carballo, Secretário do mesmo Dicasterio; e Angelo Amato, Prefeito da Congregação para as Causas dos Santos.

A 9 de junho

Os Senhores Cardeais Marc Ouellet, Prefeito da Congregação para os Bispos; e Leonardo Sandri, Prefeito da Congregação para as Igrejas Orientais.

A 10 de junho

D. León Kalenga Badikebele, Núncio Apostólico na Argentina.

A 11 de junho

Os seguintes Prelados da Conferência Episcopal da Gâmbia, Libéria e Serra Leoa, em visita «ad limina Apostolorum»: D. Gabriel Mendy, Bispo de Banjul (Gâmbia); D. Lewis J. Zeigler, Arcebispo de Monróvia (Libéria); D. Andrew Jagaye Karnley, Bispo de Cape Palmas (Libéria); D. Anthony Fallah Borwah, Bispo de Gbarnga (Libéria); D. Edward Tamba Charles, Arcebispo de Freetown (Serra Leoa); D. Charles Allieu Matthew Campbell, Bispo de Bo (Serra Leoa); D. Henry Aruna, Auxiliar de Kenema (Serra Leoa); e D. Natale Paganelli, Administrador Apostólico de Makeni (Serra Leoa).

Renúncias

O Santo Padre aceitou a renúncia:

No dia 11 de junho

De D. Juan Barros Madrid, ao governo pastoral da Diocese de Osorno (Chile).

De D. Cristián Caro Cordero, ao governo pastoral da Arquidiocese de Puerto Montt (Chile).

De D. Gonzalo Duarte García De Cortázar, S.S.C.C., ao governo pastoral da Diocese de Valparaíso (Chile).

No dia 13 de junho

De D. Héctor Guerrero Córdoba, S.D.B., ao governo pastoral da Prelazia de Mixes (México).

Nomeações

O Sumo Pontífice nomeou:

A 8 de junho

Bispo da Diocese de Raiganj (Índia), o Rev.^{do} Pe. Fulgence Aloysius Tigga, do clero de Bettiah, até hoje Vigário-Geral e Pároco da “Mother of God Church”.

D. Fulgence Aloysius Tigga nasceu a 3 de março de 1965, em Katkahi (Índia). Foi ordenado Sacerdote no dia 3 de março de 1997.

Auxiliar da Diocese de Miao (Índia), o Rev.^{do} Pe. Dennis Panipitchai, S.D.B., até agora Pároco da “Mary Immaculate Parish” em Chingmeirong, simultaneamente eleito Bispo Titular de Aggersel.

D. Dennis Panipitchai, S.D.B., nasceu em Colachel (Índia), no dia 27 de julho de 1958. Recebeu a Ordenação sacerdotal a 27 de dezembro de 1991.

Auxiliar de Rockville Centre (EUA), o Rev.^{mo} Mons. Richard G. Henning, do clero da mesma Diocese, até à presente data Reitor do “Seminary of the Immaculate Concep-

tion”, Diretor do “Sacred Heart Institute for the ongoing formation of clergy” em Huntington (Nova Iorque) e Vigário Episcopal para o Vicariato Central da Diocese, simultaneamente eleito Bispo Titular de Tabla.

D. Richard G. Henning nasceu a 17 de outubro de 1964 em Rockville Centre (EUA). Foi ordenado Sacerdote no dia 30 de maio de 1992.

Auxiliar de Washington (EUA), o Rev.^{mo} Mons. Michael William Fisher, do clero da mesma Arquidiocese, até esta data Vigário Episcopal para o Clero e Secretário da “Ministerial Leadership”, simultaneamente eleito Bispo Titular de Truentum.

D. Michael William Fisher nasceu em Baltimore (EUA), no dia 3 de março de 1958. Recebeu a Ordenação sacerdotal a 23 de junho de 1990.

A 11 de junho

Administrador Apostólico “sede vacante et ad nutum Sanctae Sedis” da Diocese de Osorno (Chile), D. Jorge Enrique Concha Cayuqueo, O.F.M., atualmente Auxiliar de Santiago do Chile.

Administrador Apostólico “sede vacante et ad nutum Sanctae Sedis” da Arquidiocese de Puerto Montt (Chile), o Rev.^{do} Pe. Ricardo Basilio Morales Galindo, O. de M., atualmente Provincial dos Mercedários no Chile.

Administrador Apostólico “sede vacante et ad nutum Sanctae Sedis” da Diocese de Valparaíso (Chile), D. Pedro Mario Ossandón Buljevic, atualmente Auxiliar de Santiago do Chile.

A 13 de junho

Bispo de Salina (EUA), o Rev.^{mo} Mons. Gerald L. Vincke, do clero da Diocese de Lansing, até agora Pároco da “Holy Family Parish.”

D. Gerald L. Vincke nasceu a 9 de julho de 1964 em Saginaw (EUA). Foi ordenado Sacerdote no dia 12 de junho de 1999.

Bispo Prelado de Mixes (México), o Rev.^{do} Pe. Salvador Cleofás Murguía Villalobos, S.D.B., até esta data Formador junto da Direção dos Salesianos em Roma.

D. Salvador Cleofás Murguía Villalobos, S.D.B., nasceu em León (México) no dia 25 de setembro de 1953. Recebeu a Ordenação sacerdotal a 11 de dezembro de 1982.

Auxiliar da Arquidiocese de Katowice (Polónia), o Rev.^{mo} Mons. Grzegorz Olszowski, do clero da mesma Sede, até agora Pároco da Paróquia de Santo António de Pádua em Rybnik, simultaneamente eleito Bispo Titular de Rhoga.

D. Grzegorz Olszowski nasceu a 15 de fevereiro de 1967 em Mikotów (Polónia). Foi ordenado Sacerdote no dia 13 de maio de 1995.

Início de Missão de Núncio Apostólico

D. James Patrick Green, Arcebispo Titular de Altinum, na Finlândia (23 de abril).

Os bons votos do Papa a padre Gustavo Gutiérrez

A 8 de junho padre Gustavo Gutiérrez Merino, teólogo peruano da ordem dos pregadores e fundador da teologia da libertação, completou noventa anos. E efetivamente, intitula-se *Teologia da libertação* a sua obra mais conhecida, publicada em 1971, na qual aprofunda o tema da pobreza cristã, entendida quer como ato de solidariedade para com os pobres quer como libertação dos próprios pecados. Padre Gutiérrez, professor na universidade de Notre Dame, nos Estados Unidos, ensinou por um longo período na Pontifícia universidade do Peru e foi professor convidado em vários ateneus da América do Norte e da Europa. É membro da Academia peruana da língua, e em 1993 recebeu a Legião de Honra do governo francês. No passado dia 28 de maio, o Pontífice enviou-lhe uma carta de bons votos para agradecer a contribuição que deu «à Igreja e à humanidade», escreveu, «através do seu serviço teológico e do seu amor preferencial pelos pobres e pelos descartados da sociedade». A pobreza «nunca é uma só e sobretudo nunca é boa» explicou Gutiérrez numa entrevista publicada em L'Osservatore Romano de 11 de setembro de 2013.

Beatificada Maria da Conceição

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 7

Quando era jovem, durante os passeios com os seus, aproximava-se dos «pastorinhos, educando-nos na fé», visitava «os casebres dos camponeses», ensinava «as crianças a recitar as orações» e exortava «os pais a cuidar da educação moral e espiritual dos filhos». Por isso, comprava e oferecia catecismos, silabários e terços para a recitação do rosário. Além disso, madre Adélaide era «benévola e misericordiosa e não guardava rancor». Uma testemunha afirmou que a única repreensão que se lhe podia fazer era de ser demasiado bondosa. E «toda a sua ternura de mãe era para as

doentes. Visitava-as, ouvia-as, consolava-as e encorajava-as». Dizia com frequência que o caráter distintivo do instituto das filhas de Maria devia ser a caridade. A última peça «preciosa do maravilhoso mosaico da santidade de madre Adélaide», indicada pelo cardeal, é a humildade. Com efeito, «pouco a pouco ela substituiu a vanglória e o orgulho, que tinha quando era jovem, com uma atitude modesta e humilde nos pensamentos, nas palavras e nas ações».

Uma grande prova de humildade foi «suportar com simplicidade e sem desassossego a humilhação de não ter sido escolhida para ser su-

periora da nova comunidade, não obstante fosse a fundadora». Mas depois de algum tempo, também padre Guillaume Joseph Chamina-de, seu conselheiro e diretor espiritual, beatificado em 2000, se convenceu de que Adélaide era «a pessoa destinada pelo céu a tornar-se madre desta nova família. Portanto, foi eleita superiora». Como tal viveu «com simplicidade e sem privilégios». Ajoelhava-se frequentemente diante das irmãs, «pedindo perdão pelas próprias omissões». Esta cena, «gravada na memória e no coração das irmãs — concluiu o purpurado — mostra a grandeza da santidade evangélica de Adélaide».

Durante a audiência geral o Papa deu início a um ciclo de reflexões sobre os mandamentos

Não se contentar com a mediocridade

E pediu que o campeonato mundial de futebol na Rússia seja ocasião de encontro e diálogo

Com uma exortação dirigida sobretudo aos jovens a não se contentarem com a mediocridade, o Papa inaugurou na audiência geral de quarta-feira, 13 de junho, na praça de São Pedro, um novo ciclo de catequeses, dedicado aos dez mandamentos.

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje é a festa de Santo António de Pádua. Quem de vós se chama António? Um aplauso a todos os "Antónios". Hoje começamos um novo itinerário de catequeses sobre o tema dos mandamentos. Os mandamentos da lei de Deus. Para o introduzir, inspiramo-nos no trecho que acabamos de ouvir: o encontro entre Jesus e um jovem — é um jovem — que, de joelhos, lhe pergunta como pode herdar a vida eterna (cf. *Mc* 10, 17-21). E naquela pergunta há o desafio de cada existência, também da nossa: o desejo de uma vida plena, infinita. Mas como fazer para alcançar? Que caminho percorrer? Viver verdadeiramente, viver uma existência nobre... Quantos jovens procuram "viver" e depois destroem-se, indo atrás de coisas efêmeras.

Alguns pensam que é melhor suprimir este impulso — o impulso de viver — porque é perigoso. Gostaria de dizer, especialmente aos jovens: o nosso pior inimigo não são os problemas concretos, por mais sérios e dramáticos que sejam: o maior perigo da vida é um mau espírito de adaptação, que não é mansidão nem humildade, mas *mediocridade, pusilanimidade*.¹ Um jovem mediocre tem futuro ou não? Não! Permanece ali, não cresce, não terá sucesso. A mediocridade ou a pusilanimidade. Aqueles jovens que têm medo de tudo: "Não, eu sou assim...". Estes jovens não irão em frente. Mansidão, fortaleza e nenhuma pusilanimidade, nenhuma mediocridade. O Beato Pier Giorgio Frassati — que era um jovem — dizia que é preciso viver, não ir vivendo.² Os medíocres vão vivendo. Viver com a força da vida. É necessário pedir ao Pai celeste para os jovens de hoje o dom da saudável *inquietação*. Mas em casa, nos vossos lares, em cada família, quando se vê um jovem sentado o dia inteiro, às vezes a mãe e o pai pensam: "Mas ele está doente, tem algo", e levam-no ao médico. A vida do jovem é ir em frente, ser desassossegado, a saudável inquietação, a capacidade de não se contentar com uma vida sem beleza, sem cor. Se os jovens não forem famintos de vida autêntica, pergunto-me, que fim terá a humanidade? Onde vai parar a humanidade com jovens quietos, e não inquietos?

A pergunta daquele homem do Evangelho que ouvimos ressoar dentro de cada um de nós: como se encontra a vida, a vida em abundância, a felicidade? Jesus responde: «*Tú conheces os mandamentos*» (v. 19), e cita uma parte do Decálogo. É um processo pedagógico, com o qual Jesus quer orientar para um lugar específico; com efeito, da sua pergunta já é

claro que aquele homem não tem a vida plena, procura mais, está inquieto. Portanto, o que deve entender? Diz: «Mestre, «tenho observado tudo isto desde a minha mocidade!» (v. 20).

Como se passa da *mocidade* para a *maturidade*? Quando se começa a *aceitar os próprios limites*. Tornamo-nos adultos quando nos relativizamos e adquirimos a consciência daquilo «que falta» (cf. v. 21). Este homem é obrigado a reconhecer que tudo o que pode "fazer" não supera um "teto", não vai além de uma margem.

Como é bom ser homens e mulheres! Como é preciosa a nossa existência! E no entanto, existe uma verdade que na história dos últimos séculos o homem rejeitou frequentemente, com consequências trágicas: a verdade dos seus limites.

No Evangelho, Jesus diz algo que nos pode ajudar: «Não julgueis que vim abolir a Lei ou os Profetas. Não vim para os abolir, mas sim para os *levar a cumprimento*» (*Mt* 5, 17). O Senhor Jesus concede o cumprimento. Ele veio para isto. Aquele homem devia chegar ao limiar de um salto, onde se abre a possibilidade de deixar de viver de si mesmo, das próprias obras, dos próprios bens e — precisamente porque falta a vida plena — deixar tudo para seguir o Senhor.³ Analisando bem, no convite final de Jesus — imenso, maravilhoso — não há a proposta da pobreza, mas da verdadeira riqueza: «*Só te falta uma coisa; vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu. Depois, vem e segue-me!*» (v. 21).

Quem, podendo escolher entre um original e uma cópia, escolheria a cópia? Eis o desafio: encontrar o original da vida, não a cópia. Jesus não oferece sucedâneos, mas *vida verdadeira*, amor *verdadeiro*, riqueza *verdadeira*! Como poderão os jovens seguir-nos na fé, se não nos virem escolher o original, se nos virem habituados às meias-medidas? É desagradável encontrar cristãos medíocres, cristãos — permiti-me a palavra

— "anões"; crescem até a uma certa estatura e depois não; cristãos com o coração reduzido, fechado. É desagradável encontrar isto. É necessário o exemplo de alguém que me convida a um "além", a um "acréscimo", a crescer um pouco. Santo Inácio denominava-o "magis", «o fogo, o fervor da ação, que desperta os sonolentos».⁴

O caminho do que falta passa por aquilo que existe. Jesus não veio para abolir a Lei ou os Profetas, mas para levar a cumprimento. Devemos partir da realidade para dar o salto naquilo "que falta". Temos que sondar o ordinário para nos abrimos ao extraordinário.

Nestas catequeses pegaremos nas duas tábuas de Moisés como cristãos, de mãos dadas com Jesus, a fim de passar das ilusões da juventude para o tesouro que está no céu, caminhando atrás dele. Em cada uma daquelas leis, antigas e sábias, descobriremos a porta aberta pelo Pai que está nos céus para que o Senhor Jesus, que a cruzou, nos conduza à vida verdadeira. A sua vida. A vida dos filhos de Deus!

1 Os Padres falam de *pusilanimidade (oligopsychia)*. São João Damasceno define-a como «o receio de realizar uma ação» (*Exposição exata da fé ortodoxa*, II, 15), e São João Climaco acrescenta que «a pusilanimidade é uma disposição pueril, numa alma que já não é jovem» (*A Escada*, XX, 1, 2).

2 Cf. *Carta a Isidoro Bonini*, 27 de fevereiro de 1925.

3 «O olho foi criado para a luz, o ouvido para os sons, cada coisa para a sua finalidade, e o desejo da alma para se lançar rumo a Cristo» (Nicola Cabasilas, *A vida em Cristo*, II, 90).

4 Discurso à XXXVI Congregação Geral da Companhia de Jesus, 24 de outubro de 2016: «Trata-se do "magis", do *plus* que leva Inácio a inau-



gurar processos, a acompanhá-los e a avaliar a sua real incidência na vida das pessoas, em matéria de fé, ou de justiça, ou a misericórdia e caridade».

«Amanhã terá início o campeonato mundial de futebol, na Rússia», um «acontecimento que supera todas as fronteiras. Possa esta importante manifestação desportiva tornar-se ocasião de encontro, de diálogo e de fraternidade», desejou o Papa, saudando os vários grupos presentes na audiência geral.

Dirijo uma cordial saudação aos peregrinos de língua portuguesa, nomeadamente aos grupos brasileiros de Anápolis e Palotina, e aos numerosos fiéis de Lisboa e Porto, com destaque para o «Colégio da Paz» e a «Confraria da Pedra». Para todos, peço a Deus o dom de uma sã inquietude, de não vos contentardes jamais com uma vida sem ideal nem beleza. Apostai numa vida de jubilo e doação ao próximo. De bom grado vos abençoo, a vós e aos vossos entes queridos!

Amanhã terá início o Campeonato Mundial de Futebol, na Rússia. Desejo transmitir a minha cordial saudação aos jogadores e aos organizadores, assim como a quantos seguirão através dos meios de comunicação social este acontecimento que supera todas as fronteiras. Possa esta importante manifestação desportiva tornar-se ocasião de encontro, de diálogo e de fraternidade entre diferentes culturas e religiões, favorecendo a solidariedade e a paz entre as nações.

Dirijo um pensamento especial aos jovens, aos idosos, aos doentes e aos recém-casados. Hoje celebra-se a memória de Santo António de Pádua, Doutor da Igreja e Padroeiro dos pobres. Ele vos ensine a beleza do amor sincero e gratuito; somente amando como Ele amou, ninguém ao vosso redor se sentirá marginalizado e, ao mesmo tempo, vós mesmos sereis mais fortes nas provações da vida.

Com o Pontifício comitê das ciências históricas



Antes da audiência geral de quarta-feira, 13 de junho, num ambiente adjacente à sala Paulo VI o Papa saudou os participantes num congresso promovido pelo Pontifício comitê das ciências históricas